

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

**ELAINE CRISTINA DOS ANJOS
SUSAN PRINCE PEREIRA**

**ESTUDO DE CASO SOBRE O TRABALHO COM A LITERATURA INFANTIL
COM CRIANÇAS DE 2 A 4 ANOS DE IDADE**

CURITIBA

2013

**ELAINE CRISTINA DOS ANJOS
SUSAN PRINCE PEREIRA**

**ESTUDO DE CASO SOBRE O TRABALHO COM A LITERATURA INFANTIL
COM CRIANÇAS DE 2 A 4 ANOS DE IDADE**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Pedagoga no curso de Pedagogia, no setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Elisa Maria Dalla-Bona

**CURITIBA
2013**

De Elaine Cristina dos Anjos

Dedico primeiramente a Deus, autor da vida, que me deu sabedoria para conclusão do curso, em especial ao meu pai que sempre me incentivou e no decorrer desta etapa veio a falecer, a minha mãe, que mesmo depois de tudo que passamos esteve ao meu lado me apoiando, me incentivando a ir até o final; a todos meus irmãos e demais familiares, pelo apoio e confiança.

De Susan Prince Pereira

Dedico primeiramente a Deus, que sempre esteve ao meu lado, dando suporte para não desistir e sempre seguir em frente; aos meus pais, que sempre me incentivaram e ajudaram na minha jornada, dando sempre apoio nas minhas escolhas, e a minha irmã e a todos os meus familiares que sempre estiveram do meu lado, acreditando em mim.

AGRADECIMENTOS

Para chegar até aqui foi preciso muita dedicação, esforço, paciência, fé, ousadia, perseverança, além do apoio e incentivo de algumas pessoas a quem especialmente agradecemos:

- aos nossos pais, que sempre foram exemplos a serem seguidos, agradecemos pelo apoio, incentivo, compreensão, e por acreditarem em nós;
- aos nossos irmãos e todos os familiares pela motivação, por acreditarem na nossa capacidade, e por perdoarem nossa ausência em alguns momentos para que pudéssemos nos dedicar ao trabalho;
- aos amigos, colegas de turma, que fizeram com que cada manhã fosse especial e por compartilharem ideias;
- à professora orientadora pela paciência e ajuda em cada detalhe do trabalho, agradecemos por compartilhar sua experiência conosco;
- a todos os professores que nos passaram conhecimentos nestes cinco anos de curso;
- a todos que de alguma forma contribuíram para a conclusão de mais esta etapa, pelo carinho, sorrisos, abraços, paciência, compreensão e dedicação.

Agradecemos a Deus por permitir que mais um sonho se tornasse realidade, sem a permissão Dele nada seria possível, a sabedoria vem Dele e a cada dia Ele renovava nossas forças para permanecer firme, e o resultado é que hoje estamos concluindo o curso de Pedagogia.

“Que todo o meu ser louve ao Senhor, e que eu não esqueça nenhuma das suas bênçãos!” Salmos 103:2.

Viajar pela leitura sem rumo, sem intenção. Só para viver a aventura que é ter um livro nas mãos. É uma pena que só saiba disso quem gosta de ler. Experimente!

Assim sem compromisso, você vai me entender. Mergulhe de cabeça na imaginação.

Clarice Pacheco

RESUMO

Estudo de caso sobre a importância da literatura infantil na educação infantil. Observa uma turma de Infantil III, com crianças de dois a quatro anos de uma escola privada de Curitiba. Registra os momentos mais importantes da observação. Registra como é o contato das crianças com os livros na escola. Entrevista professoras do Infantil III. Analisa o planejamento semanal feito pela professora-regente. Observa a intervenção da escola no planejamento. Analisa como é feita a seleção de livros e a organização do espaço para a contação de história. Observa o cantinho da leitura e a caixa livros da sala. Relata os momentos em que são feitas as contações de histórias. Analisa a criação dos livros feitos pelas crianças. Observa o interesse das crianças pela leitura e criação de seus livros. Analisa as atividades que são transformadas em livro. Relata sobre a Feira dos Livros da escola. Analisa o papel do professor como mediador da leitura. Constata a capacidade do professor para despertar o imaginário das crianças e de despertar o gosto pela leitura. Analisa a preparação do professor para contar uma história. Observa a mudança de enredo da história. Relata a interação das crianças com a história. Analisa as diferentes formas de narração, entonação da voz. Observa a apresentação de ilustrações e a introdução de diferentes objetos durante a contação de história. Constata como o uso de diferentes materiais pode contribuir para o desenvolvimento do imaginário, da criatividade, do lúdico e da fantasia das crianças. Observa a mudança da entonação da voz do professor ao contar uma história. Analisa a concentração e a reação das crianças ao escutar uma história. Analisa os sentimentos que as crianças demonstram. Analisa a identificação das crianças com os personagens das histórias. Constata o despertar do imaginário. Conclui a importância do contato precoce com os livros e a sua eficácia para colaborar com o desenvolvimento intelectual e do imaginário das crianças.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Educação Infantil. Estudo de caso.

ABSTRACT

Case study on the importance of children's literature in early childhood education. Observes a class of Child III , with children two to four years at a private school in Curitiba . Join the most important moments of observation. Records as the contact of the children with books at school. Interview teachers of Child III. Analyzes the weekly planning done by the teacher - conductor. Notes intervention in school planning. Analyzes how is the selection of books and organizing space for storytelling. Observes the corner reading books and box room. Recounts the times when storytelling stories are made. Examines the creation of books made by the children. Observes children's interest in reading and creating their books. Analyzes activities that are transformed into a book. Reports on the Fair of Books school. Examines the role of the teacher as facilitator of reading. Notes the ability of the teacher to awaken the imagination of children and awaken the taste for reading. Examines teacher preparation to tell a story. Observe the change of story line. Reports the interaction of children with history. Analyzes the different forms of narration, voice intonation . Notes the presentation of graphics and the introduction of different objects during the storytelling. Notes how the use of different materials can contribute to the development of imagination, creativity, playfulness and imagination of children. Noticeable change in the intonation of the teacher's voice to tell a story. Analyzes the concentration and reaction of the children to listen to a story. Analyzes the feelings that children demonstrate. Analyzes the identification of children with the story characters. Notes awakening the imagination. Concludes the importance of early exposure to books and their effectiveness in supporting the intellectual development of children and the imaginary.

Keywords: Children's Literature . Early Childhood Education . Case study .

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- CANTINHO DA LEITURA.....	18
FIGURA 2- CAIXA DE LIVRO.....	19
FIGURA 3- LIVROS CONFECCIONADOS.....	21
FIGURA 4- ATIVIDADES PRODUZIDAS PELAS CRIANÇAS.....	22
FIGURA 5- ATIVIDADES PRESENTES NO LIVRO PRODUZIDO PELA TURMA ANALISADA.....	23
FIGURA 6- LIVROS À VENDA NA FEIRA DO LIVRO DA ESCOLA.....	24
FIGURA 7- IMAGEM DE PÁGINA DO LIVRO “A BRUXINHA ENCANTADORA”	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 APRESENTAÇÃO	11
2.1 ESTUDO DE CASO.....	11
2.2 ESCOLHA DO TEMA.....	14
2.3 ESCOLHA DO LOCAL.....	17
3 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	25
3.1 PLANEJAMENTO.....	26
3.2 SELEÇÃO DOS LIVROS E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO.....	30
3.3 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA LEITURA.....	35
3.4 NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS.....	40
3.5 CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	44
3.6 ILUSTRAÇÃO.....	47
3.7 O DESPERTAR DO IMAGINÁRIO.....	52
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	59
ANEXOS.....	63

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi realizado para conclusão do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná. Trata-se de um estudo de caso desenvolvido no período de maio a novembro de 2013, em uma escola privada, situada em Curitiba, onde analisamos como são realizadas as contações de histórias e o contato das crianças de 2 a 3 anos e 10 meses de idade com os livros infantis, turma do Infantil III.

Este estudo de caso tem como objetivo geral avaliar a importância da literatura na educação infantil. Como objetivos específicos pretendemos analisar a forma como os professores contam histórias, como se preparam para este momento, quais as orientações que recebem para trabalhar com a literatura em sala e como desenvolvem o seu planejamento, e também pretendemos verificar se o professor consegue prender a atenção das crianças durante este processo de contação da história.

Neste estudo de caso, também analisamos o comportamento das crianças durante as atividades de contação de histórias e como reagem quando em contato com os livros de literatura, diante disto, refletimos sobre como os professores despertam nas crianças o gosto pela leitura e avaliamos de que forma a literatura infantil pode contribuir para o desenvolvimento do imaginário, da criatividade, do lúdico e da fantasia das crianças.

2 APRESENTAÇÃO

O tema escolhido para o trabalho de conclusão de curso nos fez recordar de momentos da infância, onde a contação de histórias esteve presente e fez com que sentíssemos apreço pela leitura.

A oportunidade de contar histórias para crianças no decorrer de nossa vida profissional fez com que o amor pela leitura aumentasse, contribuindo com a motivação para a escolha do tema.

Relataremos no decorrer deste trabalho nossas experiências com as crianças na escola analisada, nossa observação, nossas análises. Na teoria e na prática tivemos momentos importantes que além de aumentar nosso conhecimento, nos firmaram na escolha do tema, pois consideramos a contação de histórias na educação infantil primordial para o desenvolvimento da criança.

Para o desenvolvimento do trabalho analisamos a rotina de uma turma de Infantil III, onde uma das pesquisadoras atua como professora-auxiliar, tendo registrado em um diário as suas observações das atividades com a literatura infantil e repassando-as à outra pesquisadora para que juntas fizessem uma análise dos momentos de contação de histórias. Durante este estudo de caso, a professora regente da turma foi muito gentil ao deixar a pesquisadora (professora-auxiliar) intervir em alguns momentos, ou seja, deixando-a ter a oportunidade de contar histórias para as crianças.

O embasamento teórico fez com que no decorrer do trabalho aprendêssemos diferentes formas de contar histórias, de chamar a atenção das crianças, aperfeiçoando assim nosso trabalho para atuar em sala de aula e buscando contribuir com os interessados no assunto.

2.1 ESTUDO DE CASO

Para tal pesquisa, foi desenvolvido um estudo de caso, o qual teve como objetivo analisar como são realizados os momentos para a contação de história em sala de aula, incluindo a sua organização e planejamento e também se,

nesta escola, a leitura é prioridade e é vista como importante aspecto para o desenvolvimento das crianças. Pretendemos também analisar se a teoria que analisamos nos livros está interligada na prática.

Segundo Flick (2009, p. 135)

O objetivo dos estudos de caso é a descrição exata ou a reconstrução de um caso. O termo “caso” deve ser entendido aqui de uma forma bastante ampla. Pode-se adotar, como tema de uma análise de caso, pessoas, comunidades sociais (por exemplo, famílias), organizações e instituições (por exemplo, uma casa de repouso). O problema principal, então, será identificar o caso significativo para a questão de pesquisa e esclarecer o que mais compete a esse caso e quais abordagens metodológicas são necessárias a sua reconstrução.

Para fazermos uma avaliação qualitativa, levamos em conta a necessidade de dar sentido a tudo o que acontece no dia-a-dia da turma analisada, pois, segundo Brzezinski e Schultz (2007, p. 86), “reforça-se a necessidade de um estreito contato com o campo, porque o meio ambiente em que se insere o objeto da pesquisa deve ser bem conhecido para permitir a análise em profundidade e a interpretação rigorosa das informações obtidas”.

Para registrar todos os momentos e informações obtidas, tivemos alguns registros diários, descrevendo como foi a contação realizada pela professora da turma ou pesquisadora e quais as reações das crianças. Segundo Ostetto (2008, p. 13)

A proposta de registrar a experiência vivida, descrevendo e analisando a complexa trama do cotidiano educativo, com seus fios, laços e nós, tem sido apontada e assumida como essencial para a qualificação da prática pedagógica. Para além de uma tarefa a ser executada ou técnica a ser aplicada, o registro diário, compreendido como espaço privilegiado da reflexão do professor, converte-se em atitude vital. Quando vivenciado no seu sentido profundo, com significado, dá apoio e oferece base para o professor seguir sua jornada educativa junto com as crianças. Nesses termos, é verdadeiramente um instrumento do seu trabalho, articulando-se ao planejamento e à avaliação.

O registro foi um instrumento de reflexão, o qual serviu para revermos o já vivido, analisarmos com outros olhos e darmos significados para cada ação ocorrida, ou seja, observarmos e analisamos cada ação, reação e interação

das crianças às atividades de contação de histórias propostas pela professora. De acordo com Ostetto (2008, p. 13-14)

Por meio do registro, travamos um diálogo com nossa prática, entremeando perguntas, percebendo idas e vindas, buscando respostas que vão sendo elaboradas no encadeamento da escrita, na medida em que o vivido vai se tornando explícito, traduzido e, portanto, passível de reflexão.

Nos registros feitos em alguns dias (28/06, 13/08, 14/08, 19/08, 28/08, 02/09, 03/09, 05/09, 10/09, 11/09, 23/09, 08/10, 10/10, 18/10, 26/10, 28/10, 30/10, 06/11, 08/11) relatamos as vivências de leitura, a reação das crianças durante uma contação de história, os seus questionamentos, o seu interesse por determinadas histórias e as estratégias metodológicas adotadas pelo professor. Utilizando tais registros percebemos mudanças que ocorreram durante o ano. No início, as crianças não se interessavam tanto pelos livros, no decorrer do período o interesse foi aumentando, e elas pediam à professora e à pesquisadora (professora-auxiliar) para que contassem histórias, ficando atentas durante o período da contação e visualizando livros durante um período de até vinte minutos.

A pesquisadora (professora-auxiliar) teve oportunidades de contar histórias para as crianças num processo de pesquisa-ação, que Corey (1953, apud ANDRÉ, 1995, p. 31) “caracteriza como o processo pelo qual os práticos objetivam estudar cientificamente seus problemas de modo a orientar, corrigir e avaliar suas ações e decisões”. Esta pesquisa-ação foi muito importante no estudo de caso, pois ao analisar as crianças, tiramos conclusões e analisamos que quando feitas algumas mudanças na ação, como por exemplo, a mudança do enredo de alguma história, a qual será exemplificada no decorrer do trabalho, obtiveram outros resultados.

Carelli (2002, apud FRANCO, 2007) desenvolveu um trabalho que inspirou o relatado nesta “pesquisa/ intervenção” que tem como objetivo propor estratégias diversificadas, porém sempre respeitando e incluindo a participação da professora da classe. Analisamos que a escola analisada possui a mesma intenção da autora, a qual é promover, no âmbito escolar, o incremento do prazer de ler.

Durante o estudo de caso, optamos por entregar um questionário (ver anexo 1) para quatro professoras do Infantil III. Esta escolha foi feita para saber a opinião delas diante de alguns assuntos sobre a Literatura Infantil, pois sabemos, através das observações feita na sala de aula, como acontece na escola, porém queríamos saber o que elas pensam e como agem, interligando sua opinião com as metodologias da escola.

O questionário foi entregue em mãos e explicado que era para coleta de dados para o trabalho de conclusão de curso, e caso tivessem alguma dúvida poderiam nos perguntar, pois como afirma Barros e Lehfeld (2000, p. 90) “quando o pesquisador entrega os questionários diretamente para serem respondidos, pode explicar e abordar os objetivos da pesquisa, esclarecendo dúvidas dos entrevistados com relação a certas questões”. Todas as professoras responderam o questionário. Estas informações demandaram aproximações com a teoria e reflexões sobre as suas práticas, tendo sido importante fonte de análise para este trabalho.

Segundo Brzezinski e Schultz (2007, p. 85)

As estratégias mais adequadas para o *estudo de caso* são a observação participante e a entrevista. O investigador deve introduzir-se no mundo das pessoas a serem estudadas, conhecê-las, interagir com elas, abrir-se para um conhecimento mútuo e ganhar a confiança dos investigados.

O fato de uma das pesquisadoras atuar na escola, onde foi desenvolvido o estudo de caso, facilitou o acesso para entregar o questionário aos professores e conversar sobre o momento de contação com a professora regente da turma analisada. O questionário teve o intuito de investigar o que consideram importante no trabalho com a literatura infantil numa sala de aula de crianças pequenas. As respostas das professoras serão relatadas ao longo deste trabalho.

2.2 ESCOLHA DO TEMA

O fato das duas pesquisadoras atuarem na educação infantil contribuiu para a escolha do tema, pois pudemos refletir com maior convicção sobre o

trabalho realizado pelos professores e sobre as preferências das crianças na faixa etária analisada. Tendo conhecimento nesta área, ressaltamos a importância da contação de história, nesta fase da vida da criança, e como esta contribui para o desenvolvimento do imaginário e na maneira de enfrentar seus sentimentos e superar os seus medos.

Também contribuiu para a escolha do tema, durante o curso de Pedagogia, termos feito uma disciplina sobre Metodologia do Ensino da Literatura Infantil, a qual esclareceu nosso conceito sobre a importância da contação de histórias em sala de aula, para todas as idades. Nesta disciplina, descobrimos que contar história não é somente um ato de improvisar, como muitas vezes ocorre nas escolas, e sim, é um momento muito importante para o desenvolvimento das crianças, pois faz com que elas descubram novos sentimentos e ideias, que estão “sempre presentes no ser humano, que se manifestam em comportamentos, instintivamente, como ciúme, inveja, medo, busca de identidade, entre outros” (UFPR - Pedagogia EaD, 2011) ou seja, a leitura faz com que o leitor encontre-se à si mesmo, identificando-se com personagens e suas atitudes.

Nesta disciplina também aprendemos que a entonação da voz é algo primordial para chamar a atenção das crianças, fazendo com que nas partes principais da história, as crianças expressem suas reações, como ansiedade, medo, e outras expectativas referentes à história. Aprendemos também que temos que analisar o livro como um todo, ou seja, olhar detalhadamente as ilustrações e suas partes escritas, desde a capa até a última página do livro, pois é preciso

ler a imagem como parte essencial da narrativa, ler entre as imagens, ler as cores, para além de uma boniteza e de um estetismo simplório de colorização; ler o branco e o preto, ler as rupturas de páginas, ler a maquete, ler o ritmo, a articulação do texto e da imagem, sua disposição relativa na página dupla, unidade de base do livro. Isso se aprende: é preciso aguçar o olho, o olhar e aprender a decodificar todos estes elementos constitutivos do sentido. (BRUEL apud FARIA, 2004, p. 81).

Um exemplo, apresentado em sala, sobre aprofundamento da observação, é o livro *Ami-Ami*, de Rascal & Girel, no qual o enredo da narração

e da ilustração são diferentes, fazendo com que o leitor fique pensando qual é a verdadeira versão da história.

Contribuiu para a escolha do tema o fato de uma das pesquisadoras ter sido incentivada desde criança a estar em contato com os livros, com apenas três anos já ganhava livros de presente, por mais que ainda não fosse alfabetizada, já fazia a leitura de imagens, e com o passar dos anos o interesse pela leitura só aumentou. Em casa tinha o apoio de suas irmãs para ler, e ao ingressar na 1ª série já sabia fazer leituras, principalmente de livros, pois em sua casa tinha um acervo de obras que ganhava. Na escola, todos os livros que eram oferecidos para venda ela queria comprar, insistia tanto que seus pais compravam os livros para incentivá-la cada dia mais a ler. As brincadeiras com suas amigas, na maioria das vezes, envolviam livros e contação de histórias para as amigas, e até mesmo para seus pais e irmãs. Atuando hoje, como professora auxiliar na educação infantil, adora contar história para seus alunos, considerando primordial a leitura diária de histórias, pois é um momento privilegiado para despertar o imaginário da criança, e de conversar com elas e perceber qual o seu interesse pela leitura. Afinal,

Quem de nós não lembra de uma história em particular, contada por alguém querido, de um modo especial que, talvez por isto mesmo, até hoje somos capazes de relembrar: fadas, reis e rainhas, florestas mágicas, loucas aventuras, romances, histórias familiares, poderes gigantescos que, por alguns instantes eram nossos... faziam parte do nosso mundo. Eram histórias que nos faziam acreditar e realizar tudo, ou quase tudo... Se fizermos um esforço de memória, perceberemos que não eram apenas os textos que prendiam nossa atenção: o tom de voz de quem contava a história (enchendo de vida cada personagem), o local onde nos instalávamos (a cama quentinha, o sofá, uma almofada macia), a chance de ouvirmos novamente as partes (ou histórias) de quem mais gostávamos eram elementos que nos cativaram, que nos faziam desejar ouvir mais. (CRAIDY e KAERCHER, 2001, p. 82).

Todos estes elementos tornaram as histórias um fator importante no decorrer da vida. Por isso o interesse em contar ou ler histórias.

A outra pesquisadora também desde muito nova era incentivada a ler. A sua mãe sempre pedia para ela ler gibis enquanto fazia outra atividade, mesmo que não soubesse ler, conseguia fazer leitura de imagens. Quando mais velha e alfabetizada, ela adorava ler para suas bonecas, as quais eram suas alunas.

Quando estava na quarta série do ensino fundamental, na escola onde estudava teve um projeto “leitor destaque”, que iria prestigiar e presentear os dez alunos que liam mais na escola inteira, sendo avaliado somente os livros que eram emprestados da biblioteca da escola. Como ela apreciava ler e sempre estava emprestando livros da biblioteca, foi uma das homenageadas, ganhando um livro de presente, o qual tem até hoje de recordação. Quando começou a atuar como auxiliar de professora do 1º ano do ensino fundamental gostava ler para os seus alunos, principalmente no horário da biblioteca, o qual tinha que trabalhar um livro por semana. Depois atuou como professora de informática, sendo também responsável pela biblioteca da escola. Lá começou a ler todos os livros para ter conhecimento destes e separar por faixa etária, porém não era responsável pela contação e pelo momento da leitura. Nos anos seguintes, atuou como auxiliar de professora nos pré II e pré III da educação infantil, onde contava histórias para as crianças durante o horário da biblioteca. Atualmente trabalha como professora de artes, onde ensina mais a parte da história da arte e técnicas artísticas, porém seu trabalho está interligado com a aula de expressão corporal, onde os alunos aprendem as histórias infantis e descobrem as suas expressões faciais e corporais. A professora de expressão corporal, da escola onde a pesquisadora trabalha, cria alguns teatros, onde os alunos e alguns professores participam. A pesquisadora ajuda na decoração, criação e participa como personagem da história. Antes da realização do teatro, é trabalhado com todos os alunos, tanto artistas como ouvintes, as histórias que ali estão presentes, com isto a pesquisadora está sempre em contato com as histórias infantis, sendo sempre lembrada pelos alunos por suas personagens.

2.3 ESCOLHA DO LOCAL

A escola analisada localiza-se em Curitiba, é uma escola de educação infantil e ensino fundamental. A educação infantil conta com quatro turmas do Infantil II, quatro do Infantil III, quatro do Infantil IV e quatro turmas do infantil, horário das 13h às 17h30, e ensino fundamental (1º ao 5º ano), sendo que para cada turma tem uma professora regente e uma professora auxiliar.

Para obter a excelência em um ensino de qualidade, a equipe pedagógica da escola está em constante processo de formação. Periodicamente os professores que atuam no mesmo nível de ensino se reúnem, tem encontro de cada professor com a coordenação e também fazem reuniões semanais envolvendo toda a equipe.

A escolha do local se deu pelo fato de uma das pesquisadoras atuar nesta escola e vivenciar um trabalho diferenciado com a literatura infantil. A excelência desta escola no trabalho com esta temática, determinante pela escolha do local de pesquisa, revela-se em diferentes iniciativas, como a existência de um cantinho da leitura e de caixas de livros em cada sala de aula, uma biblioteca, feira do livro, produção de livros pelas crianças e teatro.

Todas as salas possuem o cantinho da leitura, o qual é um painel, que os professores colocam sete livros diferentes para contar durante a semana. Os livros só são trocados após o uso de todos; estes livros ficam à vista das crianças, mas não ao seu alcance.



Figura 1- Foto do cantinho da leitura

Algo que incentiva a criança a gostar de ler e ouvir histórias é, proporcionar para elas dentro da sala um cantinho da leitura, onde estarão disponíveis livros variados para que elas possam ver e fazer a sua leitura, no caso da turma estudada, a leitura de imagens, pois ainda não são alfabetizados, é uma leitura livre e individual, onde em alguns momentos as crianças podem folhear os livros, podem contar histórias entre si.

Faria (2004, p. 132-133), propõem três momentos de leitura

Oferecer um tempo para a leitura livre na biblioteca, dando-se inteira liberdade aos alunos para folhearem livros, escolher o que querem ler e fazê-lo por inteiro ou não.

Estabelecer aulas de leitura coletiva e espontânea na sala de aula, com livros escolhidos pelo professor ou pela turma, ou por sugestão de alunos, com troca de idéias sobre a narrativa, com a finalidade apenas de ler a história pelo prazer de ler uma narrativa.

Também já reservando aulas para o aprofundamento da leitura, selecionar alguns livros do item anterior para trabalho durante o ano letivo, nos quais o professor escolherá apenas um aspecto a ser tratado com a classe.

Na escola analisada disponibiliza-se uma caixa em cada turma, onde vários livros são colocados, alguns doados pelas próprias crianças, outros comprados pela escola, para que tenham acesso aos livros em alguns momentos do dia. É importante para as crianças que tal momento seja proporcionado, pois como afirma ANDRÉ (2004, p. 18) “ao tocar, manusear, olhar, alisar o livro e brincar com suas folhas e gravuras, a criança sente um prazer similar ao proporcionado por um brinquedo.” Reservar um momento do dia para que as crianças possam manusear os livros. Ao analisar o acervo contido na caixa disponibilizada na turma analisada, constatamos a sua qualidade, pois constitui-se de diversos autores e excelentes livros literários. (ver anexo 2).



Figura 2- Foto da caixa de livros

A escola analisada possui uma biblioteca, onde cada turma, uma vez por semana, tem um horário para visita, no caso do Infantil III, são 30 minutos,

onde a professora conta uma história, e depois os alunos podem visualizar alguns livros que estão na mala de leitura, que contém vários livros, de diferentes tamanhos e formatos e disponíveis para manuseio em tal momento. Como afirma SANDRONI e MACHADO (1986, p. 31)

As crianças deveriam frequentar a biblioteca desde cedo, iniciando um contato agradável com os livros ilustrados mesmo antes da matrícula escolar. Poderiam se portar na biblioteca como quisessem, ficar sentadas ou deitadas, isto é, na posição que preferissem: importaria apenas o hábito que começa com o manuseio do livro que se inicia.

O momento de manuseio de livros na biblioteca deve ser agradável, as crianças precisam ter a liberdade de ver o livro que quiserem e de uma forma que se sintam confortáveis. Por isso a caixa de livros que elas têm acesso são livros adequados para tal momento, onde podem sentar tranquilamente no chão da biblioteca e visualizar o livro sem a intervenção do adulto; a não ser que a criança peça para que o adulto conte a história a ela, caso contrário o adulto só observa sem intervir.

De acordo com Zago, Carvalho e Vilela (2003, p. 187-188)

A observação pressupõe o envolvimento do pesquisador em múltiplas ações, entre elas o registrar, narrar e situar acontecimentos do cotidiano com uma intenção precípua. Envolve também a formulação de hipóteses ou questões, o planejamento, a análise, a descoberta de diferentes formas de interlocução com os sujeitos ativos da realidade investigada e, certamente, a análise do próprio modo segundo o qual o pesquisador olha seu objeto de estudo.

A presença da pesquisadora durante a realização das atividades e os registros das observações contribuiu para aprofundar nossas análises, inclusive sobre as reações das crianças. Algumas vezes as crianças da turma analisada se lembraram de um fato que ocorreu no seu cotidiano e compararam com algum personagem da história, registramos o dia 28/08/13 em que uma das crianças perguntou se o lobo mau da história da Chapeuzinho Vermelho era o ladrão que passa na televisão roubando as coisas, para ela ambos são personagens de histórias, e se assemelham por serem malvados.

Um evento que aconteceu na escola no dia 26/10/2013, relacionado à literatura, foi a feira do livro, onde são apresentados todos os livros produzidos pelas crianças de cada turma e algumas editoras fazem propaganda e colocam à venda seus livros. As produções feitas, durante o ano, pelas crianças são algumas atividades sobre algum determinado tema, e que são transformadas em um livro, chamado de “livro coletivo da turma”. Estes livros são enviados aos pais para que possam visualizá-los, cada dia um desses livros é levado por uma criança e devolvido no dia seguinte. Nesta feira os livros ficam para visualização de todos, e ao final do ano, cada criança pode levar um livro feito pela sua turma para casa. A proposta feita pela escola não é com o intuito de dar satisfação aos pais e sim para as crianças levarem uma recordação do seu trabalho e de seus amigos para sua casa.

A proposta da escola, em nossa opinião, é muito boa, pois é uma maneira de fazer com que as crianças vejam a importância da criação dos livros, ou seja, ao levarem estes para suas casas, sentem-se importantes, por serem autores e valorizam sua produção, aumentando o seu interesse pela literatura.



Figura 3- Foto dos livros confeccionados

Alguns dos livros são produzidos a partir da contação de uma história, a professora conta-a e após o término pede para que as crianças registrem o que ouviram; foi o que aconteceu no dia 13/08/2013, quando a pesquisadora, ao

contar o livro “O outro lado do lado”, de Bebete Alvim (ver anexo 3), fez do final da história um grande mistério, pois ela não revelou o final da narração e questionou para as crianças a seguinte pergunta: “Mas, e a corda? De um lado tem a ponta, e do outro? O que é que tem?”. As hipóteses levantadas pelas crianças foram surpreendentes:

“Um monstro”, “um dragão”, “um carro”, “uma lagartixa”, “um sapo”, “uma caneta”, “um gato”, “um girassol”, “um tapete”, “uma boneca”, “um monstro e um tesouro”, “o rex”, “um dinossauro”, “um computador”, “minha mãe”, “meu sapato”, “uma bola”, “um papel”.

A atividade, juntamente com a hipótese de cada criança transformou-se em um livro. A atividade foi de extrema importância, pois eram duas folhas, as quais em uma delas, as crianças colavam lãs para representar a corda, e na outra desenhavam o que imaginavam que tinha do outro lado da corda. O interessante foi quando as crianças, ao olharem tal atividade, lembravam da história, pois quando fazem alguma atividade relacionada à esta, ou algo chama a atenção delas no decorrer da contação, fica mais fácil para memorizarem o enredo da narrativa, contribuindo para o seu desenvolvimento.



Figura 4 - Foto de atividades produzidas pelas crianças

Outro livro produzido pelas crianças foi o do boi. Tal história foi criada no dia 28/06/2013, a partir de um teatro ao qual as crianças assistiram duas semanas antes; após este evento, utilizando o nome dos personagens apresentados e algumas cenas, as crianças relataram o que viram da seguinte forma:

“Era uma vez um boi chamado Bolé. Ele vivia na fazenda do Coronel. Pai Francisco era quem cuidava do boi. Certo dia, o coronel encontrou o boi deitado no chão com a língua cortada. O coronel chamou a delegada para descobrir quem cortou a língua do seu querido bozinho que adorava dançar. A delegada foi investigar. Perguntou para a fofqueira se ela sabia sobre a língua do boi. A fofqueira disse que a Catirina, mulher do pai Francisco, que estava grávida teve vontade de comer a língua do boi e pai Francisco com medo que seu filho nascesse com cara de boi cortou a língua do boi Bolé. A delegada prendeu o pai Francisco e para costurar a língua do boi chamou a doutora, mas mesmo assim o boi não levantou. Então, como todos sabiam que o boi Bolé gostava de dançar, começaram a cantar para ele se levantar e dançar, o boi se levantou e começou a dançar.

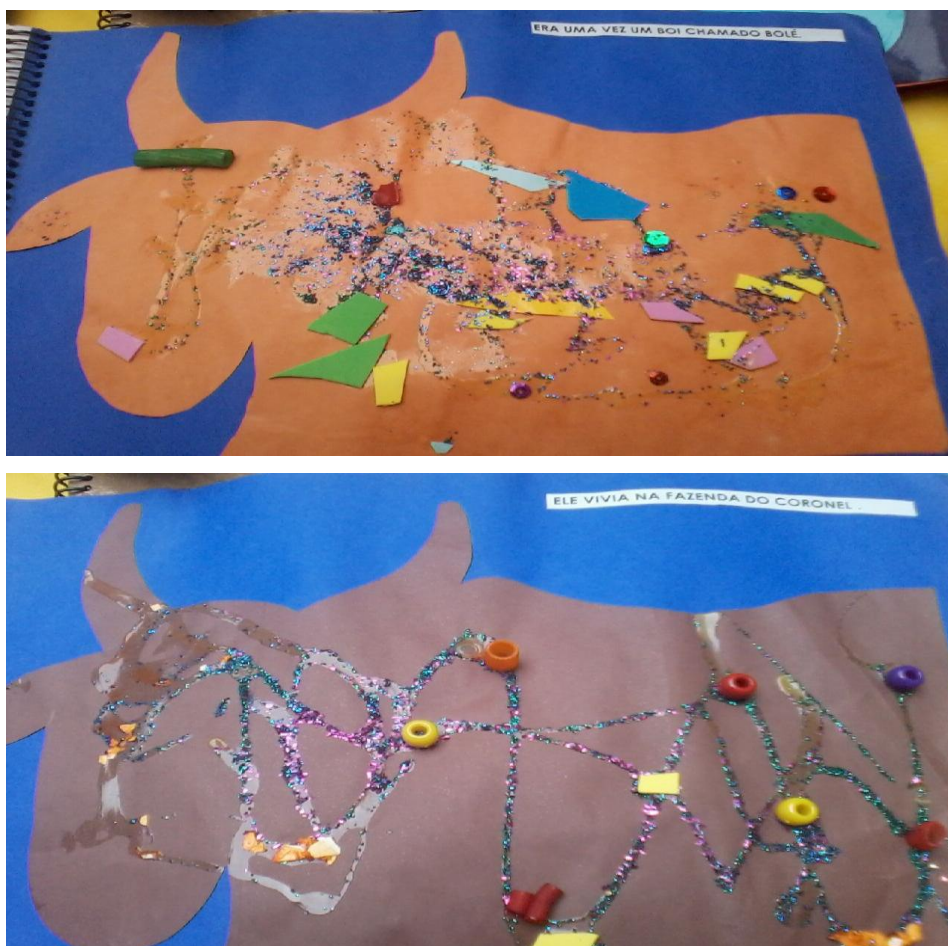


Figura 5 - Foto das atividades presentes no livro produzido

A história foi produzida com a ajuda da pesquisadora, interferindo em alguns momentos para que as crianças se lembrassem de todos os personagens e do que eles faziam durante o teatro. Após o relato foram feitas

atividades que se transformaram em mais um livro para visualização dos pais. Como relata Held (1980, p. 229)

A criança, por muitas razões, torna-se aquilo que fazemos dela, evolui em função do alimento que lhe propomos. Seguramente, o adulto que despreza a criança e se faz dela imagem simplista, torná-la-á como a vê. Mas não é menos certo que qualquer educador que gosta da criança, que a escuta, que lhe responde, que confia nos germes que estão nela, poderá desenvolver muito cedo, espantosamente cedo, humor, ironia, espírito crítico, verdadeira capacidade humana de reflexão.

A forma com que os professores conversam com as crianças, respondem suas questões, faz com que elas desenvolvam seu caráter reflexivo, tornando-as assim mais participativas no ambiente escolar.

Apresentando tal trabalho à escola e aos pais, consideramos importante a imaginação das crianças ao realizar atividades e em algumas falas colocadas nos livros. Os exemplos de livros citados acima são alguns que estavam disponíveis para visualização e manuseio na Feira do Livro (26/10/13), além destes, várias editoras estiveram presentes na escola para venda de seus livros, os quais tinham diferentes tamanhos, texturas, formas, chamando a atenção das crianças, sendo explícito seu interesse por estes.





Figura 6 - Fotos dos livros à venda na feira do livro

Os exemplos expostos acima justificam a escolha desta escola como campo de pesquisa, por ser uma escola que valoriza a literatura infantil e de excelência neste aspecto, sendo um bom exemplo de como deve ser o trabalho de formação do leitor desde pequeno.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Dedicaremos este capítulo à apresentação das análises dos dados obtidos neste estudo de caso.

As análises decorreram da comparação dos registros dos acontecimentos mais importantes observados em sala de aula, das teorias lidas nos livros sobre esta temática, e do questionário respondido pelas professoras do Infantil III. Analisaremos como na escola escolhida o trabalho

com a literatura infantil vem sendo realizado, especialmente com relação aos seguintes aspectos:

- planejamento: analisamos como a professora do Infantil III elabora o seu planejamento, incluindo nele a seleção dos livros e a organização do espaço;
- papel do professor: analisamos a mediação da professora e a sua capacidade para despertar o imaginário das crianças e de despertar o gosto pela leitura;
- reações das crianças: analisamos, ao ser contada alguma história, os sentimentos que as crianças demonstram, como medo, ansiedade, alegria, tristeza e entre outros, e também como as crianças se identificam com os personagens da história;
- atividades de contação de história: analisamos se as diferentes formas de narração, de entonação da voz, de apresentação de ilustrações e introdução de diferentes objetos durante a contação podem contribuir para o desenvolvimento do imaginário, da criatividade, do lúdico e da fantasia das crianças; analisamos as diferentes maneiras que a professora faz para contar histórias, incluindo a mudança da entonação da voz e dos espaços para fazer o momento da contação.

As análises enfatizam a importância do contato precoce com os livros e a sua eficácia para colaborar com o desenvolvimento intelectual e do imaginário das crianças.

3.1 PLANEJAMENTO

O planejamento é um instrumento fundamental na elaboração de uma aula, pois tem a finalidade de nortear o trabalho do professor. O planejamento de uma aula de literatura infantil deve ser flexível, no questionário aplicado fizemos a seguinte pergunta e tivemos as seguintes respostas:

Segue corretamente o planejamento ou é flexível a alterações quando necessárias?

Professora A: O planejamento me dá uma base do que irei trabalhar, mas utilizo de forma bem flexível, de acordo com o dia e o momento que o grupo se encontra.

Professora B: Sou flexível a alterações sempre que necessárias.

Percebemos assim que o planejamento na turma pesquisada é flexível e sujeito a alterações, ou seja, ele é bem orientado, porém não é uma coisa imutável, pois não tem problema se a professora errou na escolha, mas ela deve ser flexível para saber quando mudar e não insistir no erro. Em uma conversa informal, as professoras relataram que dependendo da situação em que as crianças se encontram, por exemplo dispersos, agitados, ou muito interessados podem mudar ou complementar a proposta programada, sempre articulando com o interesse e disposição das crianças.

De acordo com Ostetto (2000, p. 177)

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica.

Como as professoras relataram, tanto no questionário quanto na conversa informal, elas elaboram um planejamento bem flexível, pois durante a história, surge algum questionamento feito por alguma criança, ou até mesmo se elas se interessaram de forma inesperada pela história, podem ser feitos alguns questionamentos e uma atividade relacionada à mesma.

Na escola analisada ao fazer o planejamento da semana, as professoras colocam as histórias que serão contadas, tal planejamento passa pela análise da coordenação pedagógica, para ver se está adequado à faixa etária das crianças, sendo aprovado é aplicado em sala. O ideal é que os professores conheçam a história, por isso eles leem o livro antes de contá-lo às crianças.

Além da flexibilidade, o professor, ao fazer o planejamento da contação de histórias, deve escolher um livro com antecedência, analisando se a história é adequada à idade das crianças e se o conteúdo integra-se ao que está sendo proposto na aula. De acordo com Faria (2004), ao analisar a história, o professor deve fazer uma leitura prévia do livro como leitor comum, não pensando em sua aula. Em seguida, ele deve fazer uma leitura analítica, reflexiva e avaliativa, podendo assim, distinguir os elementos narrativos do texto e verificar se é um texto coerente para a faixa etária das crianças.

Sendo o planejamento um processo de reflexão, o professor deve incluir intencionalidades em suas ações pedagógicas, ou seja, “na construção de planejamentos deve estar atrelada à clareza das propostas e dos objetivos que pretendem alcançar” (SME, 2010, p. 8). Ao refletir, o professor deve interagir com a realidade das crianças e também deve estar atento à identificação que a criança pode ter com o personagem da história,

Percebemos que como afirma Craidy e Kaercher (2001, p. 84)

Ao redor dos três anos, os contos de fadas passam a despertar o interesse infantil: histórias que auxiliam a criança a organizar as suas experiências de vida, lidar com receios e alegrias, com conquistas e perdas, enfim, com sentimentos contraditórios. Além disso, os contos de fadas, com seus seres mágicos e seus finais exemplares (em que o mal é sempre punido) são histórias que possibilitam às crianças de qualquer contexto-social, econômico, cultural, étnico, racial- a vivência de uma experiência sem precedentes. (citação deslocada neste item. Tirar daqui)

Percebemos que por meio dos livros, a criança pode se libertar de alguma situação opressora; sabendo que o livro não existe somente para esta função, verificamos que o mesmo contribui também para percepção do mundo, descoberta de experiências fantásticas, entre outras funções. Sabendo que o plano simbólico consiste na ficção, Piaget (1975) afirma que é também uma forma de simbolismo lúdico em que o sonho infantil torna-se realidade para a criança, como no caso que, será citado mais adiante do trabalho, a criança se identifica como o lobo, pois comeu bastante e conseguirá derrubar a casinha dos porquinhos.

Na escola analisada, as professoras do Infantil III se reúnem uma vez por semana para realizar o planejamento referente à semana seguinte. Neste planejamento estão inclusos os livros que serão lidos para as crianças durante a semana e algumas opções a mais para que não falem livros para nenhum dos dias, isto é feito porque não sabem a disponibilidade dos livros na biblioteca na semana seguinte. O planejamento é feito com todas as professoras do Infantil III e a coordenadora da Educação Infantil da escola, para que possam trocar ideias e pensar na melhor forma de aplicar as atividades nas suas turmas.

Ao planejar, o professor irá traçar objetivos a serem alcançados com as contações de histórias realizadas e pode também pensar em recursos para alcançar tais objetivos. Com o planejamento em mãos, segue uma linha cronológica do processo de aprendizagem, o qual inclui os procedimentos utilizados para o desenvolvimento das crianças durante a contação de histórias.

A seguir está anexado um exemplo de planejamento semanal, elaborado pelas professoras da escola do Infantil III:

Tabela 1- Exemplo de planejamento semanal do infantil III

Infantil III- Planejamento 03 à 07 de junho de- Turma, Profª					
Horários	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ªfeira
Cantinhos de acolhimento 13:15	-Massinha na mesa com brinquedos apropriados -escritório	Mesas com jogos matemáticos	-Massinha - Desenho no Kraft	-Memória dos alunos -Quebra cabeças - Jogo das pazinhas	_Cozinha e panelinhas no deck - Brinquedos de casa no tapete
Pátio 14:30	Pomar	Tarzan	Pomar -Projeto nome de turma	Gira-gira	Biblioteca História: Avental que o vento leva
Roda 14:45	Roda da novidade	Festa junina	Chamada, calendário semanal, ajudante do dia, rotina	Artista do mês- Volpi	Chamada, calendário semanal, ajudante do dia, rotina
Lanche 15:00	Lanche	Lanche	Aula especial: Movimento criativo	Lanche	Lanche
História 15:40	João e o pé de feijão	A centopeia e seus sapatinhos	Movimento criativo	O nabo gigante	Cinderela
Atividade 16:00	Nome de turma	Horta	Lanche	Gente, bicho e planta	Circuito, sala dos espelhos
Pátio 16:30	Tarzan	Pomar	Gira-gira História: A	Aula especial:	Tarzan

			princesa e o sapo	Música	
Fruta 17:00	Fruta	Fruta	Fruta	Fruta	Fruta
Cantinhos	Deck e mesa	Tapete e mesa	Deck e mesa	Tapete e mesa	Jogos matemáticos

Como podemos ver no exemplo acima, todos os dias após o lanche tem o momento da história, em um dos dias que há uma aula especial, o momento da história está incluso no mesmo do pátio, a ser executado em um ambiente diferenciado para as crianças. Percebemos, com esta prática diária, a grande importância que este momento possui.

No planejamento, também está inserido a parte de selecionar os livros e organizar os espaços, como veremos nos próximos tópicos.

3.2 SELEÇÃO DOS LIVROS E ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

Na escola analisada, as professoras ao fazerem o planejamento semanal, escolhem alguns livros da biblioteca para colocar em seu cantinho da leitura, porém estas escolhas passam pela coordenação pedagógica da escola, para ver se está adequado à faixa etária das crianças.

Para contar uma história primeiramente é necessário escolher o livro, para isso o professor precisa estar atento ao interesse das crianças, para saber se tal história irá despertar a curiosidade e se é adequada para a faixa etária que atua. Ao planejar também é importante organizar o espaço onde ocorrerá a contação e ter conhecimento da história que contar, pois para a criança esse é um momento especial e o adulto que lhe conta deve estar bem preparado para explicar o que elas podem perguntar.

Ao escolher um livro é preciso levar em conta alguns fatores, como por exemplo, a faixa etária das crianças, qual é o interesse delas, qual a realidade que vivem, entre outros, pois como afirma Abramovich (1989, p. 20) “o critério de seleção é do narrador, e o que pode suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças, o momento que estão vivendo, os referenciais de que necessitam e do quanto saiba aproveitar o texto”. Sendo assim, uma das

professoras ao responder o questionário aplicado alegou que ao selecionar os livros, é preciso estar atento à realidade do aluno e aos recursos que a escola oferece, pois não se pode planejar algo que não esteja ao alcance de tal realidade, ou seja, é inviável contar uma história de difícil compreensão para a faixa etária das crianças ou contar uma história que não tenha ilustração ou até mesmo utilizar uma história como pretexto utilitarista.

De acordo com Coelho (1999, p. 13)

Constatada a importância da história como fonte de prazer para a criança e contribuição que oferece ao seu desenvolvimento, não se pode correr o risco de improvisar. O sucesso da narrativa depende de vários fatores que se interligam, sendo fundamental a elaboração de um plano, um roteiro, no sentido de organizar o desempenho do narrador, garantindo-lhe segurança e assegurando-lhe naturalidade. O roteiro possibilita transformar o improvisado em técnica, fundir a teoria em prática. O primeiro passo consiste em escolher o que contar.

Na escola analisada, uma vez por semana, os professores trocam os livros do cantinho da leitura que está dentro da sala de aula. Algumas vezes, as crianças podem escolher a história que querem ouvir. Mesmo que as crianças escolham o livro, o professor, nesta escola, deve ter conhecimento de todos os enredos das histórias, para verificar se são adequados para as suas crianças.

Acreditamos que é necessário conhecer o que vai ler e passar segurança à aquele que escuta. Sendo assim, após a seleção do livro o professor deve estudar a história, não necessariamente decorá-la, mas analisar alguns aspectos do livro, pois os autores do livros, ao escrever, tem algumas intenções que precisam ser descobertas pelo professor antes de passá-lo às crianças.

Como relatam Faria e Mello (2009, p. 41)

Nesse sentido, como professoras, precisamos ficar atentas para esta questão: dentro do possível e acessível à criança, é conveniente a escolha de livros de excelente qualidade (imagens, texto, produção, gráfica), porque não somente identificamos do que ele é capaz, mas sobretudo educamos para uma nova maneira de ler. Por isso, é imprescindível nos atentarmos não só as mensagens veiculadas, mas às formas como são construídas.

Na escola analisada, no dia 6/9/2013 uma das crianças pediu a história da “Bruxa Salomé”, de Audrey Wood (anexo 4), ao perguntar como ela conhecia, a criança relata “minha mãe me contou e eu gostei”, como a pesquisadora já conhecia o livro e sabia que era adequado para as crianças da turma, contou esta história, mesmo não sendo a que estava no planejamento do dia, a partir disto concluímos que a escola realmente possui um planejamento flexível e que a troca da escolha do livro, neste caso, teve bom resultado.

Ao contar a história, citada acima, a professora destacou o pedido da personagem da mãe aos seus sete filhos no momento em que precisou sair “Tenham muito cuidado e lembrem-se; não deixem ninguém estranho entrar e nem cheguem perto do fogo.” A professora ressaltou que a bruxa Salomé sabendo do pedido da mãe usou de enganações para convencer as crianças a desobedecer, e aproveitando este trecho da história, conversou com as crianças sobre obediência. O objetivo neste caso não foi apropriar-se da história para ensinar questões de moral, e sim promover um diálogo na roda de história. Pois como afirma Brandão e Rosa (2011, p. 45) um dos papéis da conversa “é não deixar que esta assuma um tom moralizante em que a professora defina a mensagem ou lição que supostamente deveria ser extraída por todos que ouvirem uma determinada história”; criar diálogos em que as crianças sejam ouvidas, neste caso as crianças falaram muito sobre o que fazem em suas casas, o que fez do momento um “encontro de leitores”, onde todos tiveram a oportunidade de compartilhar suas ideias.

Para obter sucesso em uma narração faz-se necessário preparar o ambiente com pelo menos, cinco minutos de antecedência, por exemplo, na escola analisada, enquanto uma professora entrega o lanche às crianças, a outra prepara o cantinho da leitura, para que após o término do lanche a contação seja realizada. Este cantinho na maioria das vezes é feito em um tapete que está na sala, onde é colocada uma almofada para cada criança, ou em um espaço chamando deck, que fica do lado externo da sala, onde também são colocadas as almofadas, para que haja conforto para as crianças no momento da contação., como afirma Dohme (2000, p. 37)

A escolha do local é fundamental para o sucesso da narrativa. Ele deve ser calmo e permitir que as pessoas fiquem bem acomodadas. Não se deve concorrer com outros ruídos ou com

outras “atrações”, por exemplo: ruídos de trânsito, pessoas conversando, pessoas passando. As crianças têm o poder de concentração muito pequeno e qualquer fato fora do normal desviará a atenção, ficando difícil para o narrador retomar o fio condutor da história.

O local onde a história será contada, dentro da escola, pode ser diferenciado, como ocorreu no dia 3/9/2013, quando uma das pesquisadoras, com a autorização da professora da sala e seguindo o planejamento da turma, contou a história “A Bela Adormecida”, mas optou por contar a história no deck da sala, um local do lado de fora da sala onde só as crianças daquela turma têm acesso. Todas as crianças foram convidadas a sentar no deck. Durante a contação a pesquisadora utilizou entonação de voz e pediu para que as crianças repetissem alguns gestos que ela fazia.

No dia seguinte, uma das crianças ao se deparar com o livro dirigiu-se à pesquisadora e disse:

AR- Você já leu esta história né?

Pesquisadora: Já sim, você lembra?

AR- Lembro, foi lá no deck.

Pesquisadora: E você lembra como é a história?

AR- Lembro que nós atravessamos a floresta junto com o príncipe para achar a princesa.

Pesquisadora: E o que aconteceu depois?

AR- O príncipe beijou e ela acordou, e foram felizes para sempre.

Com o diálogo transcrito acima percebemos que a criança lembrava-se da história pelo fato de ter sido contada em um local e uma forma diferente. O fato de ele ter lembrado que atravessaram a floresta se deu, porque durante a contação a pesquisadora colocou um vaso de flor que estava no deck, disse para as crianças que aquele vaso fazia parte de uma floresta e que para descobrir o restante da história era preciso atravessar esta floresta, depois fez com que as crianças levantassem do local que estavam e passassem pelo vaso, passando para o outro lado do deck, e assim continuou a história.

De acordo com David e Weinstein (1987, apud OLIVEIRA, 2007, p. 109)

Todos os ambientes construídos para crianças deveriam atender a cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades para contato social e privacidade.

Uma diferenciação durante a contação da história fez com que a criança se lembrasse da mesma com mais facilidade, pois algo chamou a sua atenção naquele momento.

Outro exemplo aconteceu no dia 5/9/2013, em um dos pátios da escola, onde tem uma casinha. Neste dia a pesquisadora, com a permissão da professora-regente e seguindo o planejamento do dia, contou a história da “Branca de Neve” e, aproveitando o local, ela usou o mesmo local para ser a casa dos sete anões e contou a história fazendo uma simulação. Pegou uma das crianças para ser a Branca de Neve e outra para ser a madrasta, e como neste pátio há várias árvores com frutas, pegou uma para ser a maçã envenenada. Ao morder a maçã, a criança faz de conta que desmaia, só abrindo os olhos quando o príncipe, representado por uma das crianças, dá um beijo em seu rosto.

A participação das crianças no enredo da história também fez com que elas lembrem-se da mesma ao ver novamente o local, pois toda vez que íamos neste pátio, uma das crianças dizia: “Hoje vamos contar a história da Branca de Neve de novo?”.

Para obter a concentração das crianças é preciso ter estratégias diferenciadas, como em um determinado dia, ao término do lanche, a pesquisadora apagou a luz e pediu para que todas as crianças estivessem atentas ao que iria falar, pediu para que todas em silêncio sentassem no tapete para ouvir uma história, as crianças atenderam ao pedido da pesquisadora.

Um clima de atenção e concentração precisa ser criado para que a história produza os efeitos desejados pelo narrador. Acomodar todas as crianças e estar atento para que estejam vendo as ilustrações que a professora irá mostrar no decorrer da história. É uma atividade coletiva, algumas vezes é preciso criar estratégias para levar as crianças até o cantinho da leitura presente na sala; “o educador/professor pode convidar as crianças a participarem tocando um sino, apagando a luz, propondo uma adivinha...e a

atenção será conquistada pelo mistério que envolve a história e pela arte e técnica do narrador” (SME, 2009, p. 64-65).

Concluimos que ao fazer estratégias diferenciadas para chamar a atenção dos alunos, é necessária muita criatividade, pois quando é algo inusitado, elas ficam mais interessadas e conseguem concentrar na hora da contação, pois ficam curiosos para saber se na hora da história também haverá algo diferente.

3.3 O PROFESSOR COMO MEDIADOR DA LEITURA

Ler histórias para as crianças todos os dias, leva-os a ter um interesse maior pela leitura, pois o referencial delas nesta etapa são os adultos. O primeiro contato da criança com as histórias é por meio da oralidade, a voz dos contadores de histórias ou dos professores, que lhes contam histórias já existentes ou até mesmo inventadas na hora. Abramovich (1989, p. 16) afirma que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias, escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão de mundo”. As professoras entrevistadas relatam que consideram importante contar histórias para as crianças todos os dias, reservando assim, um período para a contação, e é por meio desta leitura que as crianças passam a conhecer o mundo das palavras, compreender questões do cotidiano, entre outros aspectos.

Na escola analisada, o momento de leitura acontece após o lanche, onde a professora conta uma história para as crianças e após a contação faz perguntas relacionadas à história, algumas vezes propõe uma atividade relacionada à mesma, que como relatada no item 2.3, podem se transformar em livros.

No ambiente escolar, a literatura infantil é mediada pelo professor, ou seja, ele é quem deve verificar se os livros são adequados para as crianças e pensar quais as intenções e sentimentos que deseja despertar nelas. Na escola analisada, o professor seleciona o livro antes de contá-lo às crianças, como citado no item anterior. O professor deve despertar, nas crianças, interesse pela leitura, pois como afirma Solé (1998, p. 43) “o interesse também

se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar”. O professor precisa fazer com que as crianças se envolvam com a história, chamando a atenção na maneira que narra a história, dando entonação na voz.

De acordo com Colomer (2007) é muito importante para o professor ter uma formação literária básica, que é conhecer os livros e saber como escolhê-los, para analisar os livros infantis e selecionar o que pode interessar às crianças, decidindo quais são os elementos literários que são úteis para ampliar o conhecimento espontâneo que esta criança já traz de sua pequena experiência de vida, vindos de relatos de acontecimentos familiares vistos em noticiários e reportagens dos jornais televisivos.

Na escola analisada, várias vezes as professoras optam por contar histórias de uma forma diferenciada, percebemos isso quando analisamos uma das questões do questionário e também ao presenciar algumas situações.

Utiliza materiais diferenciados ao contar a história? (exemplos: fantoches, dedoches, fantasias, etc.)

Professora A: Sim, utilizo também sucatas, peças de encaixes para que se transformem nos personagens.

Professora B: Sim. Fantoches, dedoches, acessórios, fantasias, tecidos, sucatas.

Percebemos que utilizar diferentes recursos durante a contação faz com que aumente a atenção das crianças. No dia 18/10/2013, uma das pesquisadoras observou a professora da turma contar a história dos “Três Porquinhos” utilizando fantoches, e no decorrer da história perguntava para as crianças o que iria acontecer, algumas falavam, outras ficavam atentas o tempo todo para não perder nenhum momento da história. Quando a professora perguntou “será que o lobo consegue derrubar esta casa?”, uma das crianças disse “o lobo não, mas eu consigo” e assoprou a casa, quando percebeu que não conseguiria disse “eu também não consigo, vamos deixar os “Três Porquinhos”, coitados”. Ao interromper uma história, é possível provocar uma quebra de ritmo, pois ao discutir alguns assuntos, podem surgir inesperadamente outros, porém se a interrupção estiver relacionada

diretamente com o contexto da história, não necessariamente haverá a quebra de ritmo, como foi relatado no caso acima.

Analisando tal situação pensamos no que levou a criança a ter essa ideia. A pesquisadora após o término da história perguntou a criança “porque achou que conseguiria derrubar a casa?”, a criança relatou “eu comi bastante na hora do lanche, queria ver se estava forte”; podemos concluir assim que as histórias infantis refletem no pensamento das crianças, como afirma Laplanche e Pontalis (1994, p. 226) “a identificação é um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro”, ou seja, a criança aplica a ela características do personagem presente na história.

No decorrer do ano observamos o quanto as crianças gostam de estar folheando os livros, em um momento que tem a liberdade para o acesso aos livros, se ao final da história não era previsto uma atividade relacionada à mesma, as crianças poderiam visualizar os livros que estão na caixa da turma. Como afirma Colomer (2007, p. 52)

Os primeiros contatos com a leitura se produzem, em grande parte, através de formas orais e, inclusive, mediante narrativas audiovisuais. Mas também os livros para crianças que ainda não sabem ler são uma realidade bem consolidada na atual produção de literatura infantil e, ao ampliar-se o sistema educativo para as primeiras idades, estes livros penetram nas creches e na fase pré-escolar. É, pois, através de distintos canais, dos livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que as crianças começam a fixar as bases de sua educação literária.

É importante que o professor reserve um tempo no planejamento diário para que as crianças possam ter a liberdade de folhearem livros, e fazer a leitura da sua forma, neste caso, a leitura de imagens, considerando que ainda não são alfabetizadas. Pois,

Ao realizar a leitura, mesmo que de maneira não convencional, a criança sente-se capaz de ler e acredita que o faz ao relacionar texto e imagem ou conhecer o conteúdo do texto por memorização. Oportunizar o acesso aos livros é essencial para que ela construa o hábito de procurá-los como fonte de informação, diversão e entretenimento. Dessa forma, orienta-se a leitura pela criança como uma atividade permanente diária (SME, 2010, p. 14)

Segundo Faria (2004), a estrutura narrativa pode ser abordada, em sala de aula, desde a educação infantil, contanto que o professor respeite o estágio de desenvolvimento da criança. Primeiramente, o professor deverá conversar sobre a história, por exemplo, como começa, o que acontece, quem são os personagens e como termina. Quando o professor perceber que os alunos sabem distinguir o começo, meio e fim, ele poderá ensinar a estrutura narrativa para os alunos.

Outro momento analisado foi contar a história sem utilizar o livro, onde o contador pode modificar o enredo conforme a reação das crianças, proporcionando a elas um momento mais democrático. Sendo assim, concordamos com esta maneira de contar história, pois acreditamos que as crianças desenvolvem o seu imaginário pelo fato de ter livre arbítrio para acrescentar suas ideias no contexto da história. Segundo Franco (2007, p. 75) “o prazer, o lúdico, a interação e o diálogo, concentram uma grande possibilidade no que diz respeito ao desenvolvimento efetivo do aluno em sua caminhada em busca da aquisição das habilidades e competências de ler e escrever”.

No dia 23/09/13 ao contar a história “Os Três Porquinhos”, sem utilizar o livro, a pesquisadora conseguiu mudar o enredo da história, acrescentando diferentes momentos. Como por exemplo, quando o primeiro porquinho percebe que o lobo iria assoprar a casa, ele resolve fugir antes, saindo pela porta dos fundos. Neste momento, ocorreu a intervenção das crianças, ou seja, elas sugeriram lugares por onde o porquinho iria passar durante o percurso que o levaria até a casa do seu irmão, uma das sugestões feita pelas crianças foi passar antes em uma sorveteria, outros sugeriram que ele passasse em um rio para tomar um banho.

Ao analisar esta troca de ideias entre a professora e a criança, compreendemos que, com a participação das crianças na criação da história, eles se sentem importantes, pois estão ajudando a construir uma nova história e como autores deste novo enredo, eles ficam entusiasmados ao ver que a sua imaginação faz parte desta nova criação. Neste caso, houve a intervenção das crianças na história, mas não houve uma quebra de ritmo, pois a intenção era

que houvesse a participação das crianças, e sendo bem supervisionada tal atividade, a história não perde seu contexto.

Observa-se que a história “Os três Porquinhos” já foi citada anteriormente, é uma história que as crianças gostam e devido a isso surgem mais questionamentos relacionados à mesma, por isso algumas vezes histórias se repetem para que as crianças possam lembrar-se de momentos anteriores, questionar, aperfeiçoando assim seu contato com os livros.

Também é importante conversar com as crianças após a contação, pois como afirma Brandão e Rosa (2011, p. 43)

O papel do mediador da leitura não é apenas o de observar as reações das crianças, responder as perguntas que elas fazem espontaneamente sobre o texto ou chamar sua atenção para as ilustrações presentes na obra. Embora isso seja importante, não consideramos suficiente.

Defendemos, ao contrário, a necessidade de pensar previamente em possíveis perguntas que poderiam ser feitas antes, durante e após os textos lidos. A finalidade desse diálogo não é avaliar o nível da compreensão das crianças nem fazer com que todas elas respondam em coro às perguntas formuladas. A ideia é contribuir para seu engajamento, numa atividade de construção de sentido que pode ser compartilhado, confrontando ou ampliado com base em outros sentidos igualmente construídos e expressos na conversa sobre o texto lido na roda. Dessa forma, o desafio é formular perguntas que façam as crianças pensarem sobre o texto, se posicionarem, quando for o caso, olhar sob um ângulo novo um evento narrado, confrontar diferentes maneiras de interpretar um evento, um personagem.

Nesta idade das crianças observadas, percebemos o quanto são questionadoras. Para a criança é importante que o professor converse sobre a história antes e depois da contação, pois como afirma Faria e Mello (2009, p. 8)

As histórias devem ser contadas para que as crianças perguntem por quê. Elas estão sempre querendo saber o porquê das coisas, o que é uma curiosidade típica de toda criança. Muitas vezes, o adulto dá explicações racionais, pensadas e pouco imaginadas. Essas são respostas muito calibradas, muito precisas e a criança não está querendo esse tipo de resposta. Uma história que é contada entra muito mais no universo da criança e dará respostas muito mais satisfatórias para ela do que uma resposta racional de um adulto.

Na escola analisada, o momento da contação é feito em roda, consideramos importante aproveitar tal situação para conversar com as crianças sobre a história, pensar em questões que podem ser tratadas após, ou até mesmo durante a mesma, como por exemplo, questionar “o que vai acontecer?”. Em alguns casos deixar o final da história para contar após uma atividade, como presenciamos em alguns momentos relatados ao longo deste trabalho. O professor como mediador da leitura, precisa criar diferentes maneiras para contar histórias, chamando assim a atenção das crianças para tal momento que deve estar presente na rotina da educação infantil.

Marly Amarilha (1997) afirma que todo receptor, ao perceber as linhas iniciais de uma história, imediatamente mobilizam-se para saber como foi que tudo acabou. A narrativa proporciona essa experiência de uma só vez e, estando envolvidos nos eventos, é difícil resistir à tentação de se conhecer antecipadamente o fim da própria história. Essa experiência de totalidade proporciona uma “perspectiva imaginativa metafórica, de nós mesmos e do mundo” (Hillman, 1981, p. 17 apud Amarilha, 1997, p. 20). Esse aspecto lúdico da narrativa assegura, não só a gratificação do receptor, mas também lhe faz um elogio intelectual, na medida em que suas previsões se aproximam das soluções do conto. Dessa forma, a narrativa atesta ao receptor que sua destreza em seguir as pistas do texto correspondeu ao proposto.

3.4 NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS

Observamos que a leitura de histórias leva a criança a conhecer um mundo diferente, a aperfeiçoar seu conhecimento com relação à linguagem oral e, também, contribui para o desenvolvimento da sua imaginação, por isso é primordial que a criança tenha acesso a bons textos desde os primeiros anos de vida. Além disso,

O ato de ouvir histórias resgata necessidades e desejos primitivos (curiosidade, medo, aconchego), assim como leva a conhecer o acervo das histórias da humanidade e a compreender as relações existentes na natureza e nas sociedades. É uma das possibilidades de aprender sobre o mundo, desenvolver o senso ético e estético.

A narrativa é uma atividade cultural universal. Os tipos de histórias e os conteúdos diferenciam-se de uma cultura para outra, e o incentivo dado pelos adultos à narração das crianças sofre influência da cultura. (SME, 2009, p. 62)

Observamos também que ao contar histórias, o professor deve estar atento a alguns detalhes que são de extrema importância para que os objetivos de tal processo sejam alcançados. Anteriormente, pode-se perceber que a seleção de livros e a preparação do ambiente são essenciais em tal processo, e durante a contação é preciso estar atento ao grupo, para verificar se todos estão posicionados de uma forma que possam ver e ouvir a história adequadamente.

Aquele que irá contar a história deve senti-la, não simplesmente contá-la, mostrar a emoção, mostrar a tristeza, raiva, medo, alegria, pavor, entre outros sentimentos que irão aparecer, enfim, narrar de uma forma que chame a atenção, e que permita à criança descobrir na história coisas novas. Como relata Abramovich (1989) a história deve despertar alguma coisa em quem vai contá-la, por ser bela, divertida, ou por despertar algum sentimento.

No dia 2/9/2013, a história contada foi “A casa sonolenta” de Audrey Wood. Antes de começar a história a professora pediu para que as crianças fechassem os olhos e imaginassem uma casa com várias pessoas dormindo, durante este momento uma das crianças falou “meu cachorro também está dormindo” e a professora comentou que na história que ela iria ler também tem um cachorro, e logo iniciou a leitura. Durante a contação percebemos risos entre as crianças, pelo fato de ser uma parlenda. (Ver anexo 5)

Após o término da história, a professora propôs que todas as crianças deitassem no chão e fechassem os olhos para dormir, quando todas estão com os olhos fechados e deitadas, ela puxa o tapete e diz que foi a pulga, a mesma que aparece no decorrer da história e acorda todos os personagens. Depois disso, ela pediu para que as crianças sentassem nas cadeiras e entregou um papel para que cada uma das crianças fizesse um desenho para representar a história. Para nós pesquisadoras, isto é uma forma de fazer com que as crianças se lembrem da história, vivendo algo parecido com o que aconteceu na mesma, e o registro da atividade serve para que quando olharem a mesma lembrem-se do que se trata.

Um fator importante é o tempo que é utilizado para a contação, pois devido à idade em que se encontram na turma que analisamos, é inevitável a distração após um longo período no mesmo local. As interrupções feitas pelas crianças podem atrapalhar a contação, devido a isso, uma das professoras da escola, no questionário que foi entregue a ela, relatou que escuta o que a criança diz e lhe dá um retorno breve dizendo que podem conversar sobre tal assunto após o término da história. Analisando tal postura da professora, concluímos que é a forma correta de agir em tal situação, prosseguir com a história, e ao final conversar com a criança sobre o assunto que ela queria abordar no momento inadequado.

Na turma analisada, no início da observação em sala, uma criança não conseguia estar todo o tempo atenta à história, ao ler sobre o assunto percebemos que tal criança é a que mais necessita ouvir histórias, pois precisa desenvolver sua capacidade de atenção. No decorrer da observação percebemos que a criança foi mudando a sua atitude, e começou a ficar atenta. Conversando com a professora da turma, a mesma relatou que em casos como este é preciso mudar a estratégia da contação até que a criança perceba a importância deste momento.

A narração da história pode ser enriquecida utilizando-se onomatopeias, para assim tornar a história mais real. Durante a contação de uma história que ao utilizar algum objeto para emitir uma batida presente na mesma, sem que as crianças vejam, a curiosidade delas fica explícita, e começam a dar uma atenção maior ao que está acontecendo. No dia 28/10, ao contar a história “Cachinhos Dourados e os três ursos” (Anexo 6), para demonstrar a batida na porta feita por Cachinhos Dourados, a pesquisadora, que contava a história neste dia, bateu na mesa falando que o barulho era igual ao da história, com isto, as crianças ficaram atentas durante o período da contação.

O educador precisa ser claro na sua fala, deve ser interpretativo na sua leitura, variar a sua entonação de voz, tornando-a agradável aos ouvidos das crianças. Em alguns momentos, as professoras pedem para os alunos alterarem o tom da voz, como por exemplo, na escola analisada, no dia 14/08 ao contar a história da “Chapeuzinho Vermelho”, a professora utilizou vários tons de voz, e ao término falou para as crianças “vamos todos imitar a voz da Chapeuzinho”, “agora vamos todos imitar a voz do lobo”, “ vamos falar baixinho

porque o lobo pode estar por perto”; são pequenos detalhes que ajudam no desenvolvimento da atividade.

De acordo com Simões (2000, p. 26)

Nos momentos de leitura, o educador deve sempre procurar ser literal e dar certo caráter interpretativo a sua leitura usando variações de entonação de forma clara e agradável. [...] O educador deve procurar agir como elemento incentivador do interesse das crianças pelo enredo, comportando-se não somente como leitor das histórias, mas também, demonstrando entusiasmo e curiosidade, como mais um ouvinte.

Variar a voz durante a leitura, utilizar diferentes vozes para representar os personagens, falar baixinho se assim o livro sugerir, criar o suspense, ler pausadamente algumas frases, questionar (O que será que vem agora? O que vai acontecer?), pois isso faz com que a criança se concentre no que está ouvindo e comece a imaginar cenas da história, também é importante estar atento à expressão do rosto, as crianças durante a leitura observam tais expressões, e isto é muito significativo para o entendimento delas, após a história questionar sobre o que foi lido, com certeza a resposta da maioria das crianças irá surpreender o professor.

De acordo com Abramovich (1989, p. 21)

É bom usar as modalidades e possibilidades da voz: sussurrar quando a personagem fala baixinho ou está pensando em algo importantíssimo; é bom levantar a voz quando uma algazarra está acontecendo, ou falar de mansinho quando a ação é calma... Ah, é bom falar muito baixinho, de modo quase inaudível, nos momentos de reflexão ou de dúvida, e usar humoradamente as onomatopeias, os ruídos, os espantos... Ah, é fundamental dar longas pausas quando se introduz o “Então...”, para que haja tempo de cada um imaginar as muitas coisas que estão para acontecer em seguida... E é bom valorizar o momento em que o conflito está acontecendo e dar tempo, muito tempo, para que cada ouvinte o vivencie e tome a sua posição.

Observamos no decorrer da análise, que a entonação da voz contribui muito para o momento da narração, pode até levar as crianças a uma compreensão melhor de que os personagens são diferentes; e também os ajuda na exploração da voz, pois percebem que podem fazer o mesmo. Percebemos o quão importante é contar histórias para as crianças, pois novas

descobertas são feitas, e o imaginário a criatividade são despertados, dentre outras importâncias que a contação traz.

3.5 CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A leitura feita em sala de aula pelo professor, e a leitura feita pela criança sozinha e em silêncio, por mais que seja somente leitura de imagens, são possíveis formas de leitura e podem ser significativas de igual forma. Crianças de diferentes faixas etárias procuram para empréstimos nas bibliotecas livros lidos em sala de aula, pois a oralidade atrai o leitor para o livro e o encoraja a enfrentar a leitura silenciosa, no caso da idade em estudo, alguns pais relataram que as crianças pedem para que eles emprestem ou comprem livros que foram lidos na escola, para lê-los em casa.

A oralidade (apesar de não ser a única forma possível de envolvimento dos leitores), principalmente na educação infantil, contribui de forma significativa para o envolvimento das crianças, pois chamam a atenção e encantam as crianças que são coautores da história, mergulham no mundo imaginário e se deleitam quando o professor faz uso deste recurso, quando contam histórias. “É possível também afirmar, pelo relato de professores, que momentos de literatura na sala de aula são aqueles em que um conto é narrado” (Amarilha, 1997, p. 18). A autora afirma ainda que a literatura chega à criança principalmente pela oralidade, e que esta se constitui também em um dos atrativos da literatura na escola, pois cria um clima de comunidade em que todos estão envolvidos na mesma experiência imaginária. Este é um ponto que pode ser considerado positivo para a formação de leitores.

Na escola analisada, a contação de história está inclusa diariamente no planejamento, todos os dias no mesmo horário, pois é importante incorporar tal prática na rotina. As crianças sabem que todos os dias após o lanche, uma história será contada, não que ela seja contada só neste momento, algumas vezes nas brincadeiras no pátio também surge a ideia de inventar uma história ou contar alguma já existente.

A pesquisadora, no dia 30/10/13, seguindo o planejamento do dia, contou a história “E o dente ainda doía”, de Ana Terra (ver anexo 7), que relata o caso de um jacaré que não conseguia descansar porque estava com dor de dente, vieram coelhos, sapos, ratos, tatus, toupeiras, patinhos e outros animais para dar dicas para tentar acabar com tal dor, mas nada adiantava. Ao final da história aparece a solução para o fim da dor de dente, mas a pesquisadora não finalizou a história, quis observar o desenvolvimento da oralidade das crianças, perguntando a elas se tinham uma solução para o jacaré, as crianças relataram:

“este jacaré precisa ir ao dentista”, “eu tenho um remédio para dor de dente que minha mãe me deu um dia que eu estava com dor”, “ele precisa chupar limão”, “meu pai é dentista”, “vou chamar ele para cuidar do jacaré”, “eu acho que ele comeu uma carne muito dura e ficou com dor”.

Estes relatos nos mostram tanto o desenvolvimento da oralidade, quanto o uso da imaginação. A pesquisadora pediu para que as crianças ilustrassem o jacaré com dor de dente e depois da atividade contaria o final da história. As crianças ilustraram rapidamente a história e pediram para que o final fosse revelado, onde um espirro fez com que a dor do jacaré fosse curada, as crianças ficaram surpresas com o final e uma delas relata:

“Agora o jacaré pode comer bastante de novo, e se ficar com dor de dente é só espirrar.”

Analisando tal situação, percebemos que é preciso fazer com que as crianças se tornem ouvintes atentos, durante a leitura usem a sua imaginação, se tiver imagens o professor deve mostrá-las, para que quando a criança pegar o livro lembre-se daquele momento, e possa assim fazer uma leitura de imagens, como se a criança entrasse neste momento no mundo do faz de conta, não lê a história porque ainda não é alfabetizada, mas por meio das imagens pode entender o que estava acontecendo naquela parte do livro que está visualizando. Como afirma Faria e Mello (2009, p. 7)

Ouvir histórias tem uma importância muito grande para a criança: faz com que ela se sinta importante, sinta que alguma coisa está sendo feita especialmente para ela. As histórias também têm um valor terapêutico e, por isso, são narradas para as crianças como forma de terapia. Um educador italiano relata sua experiência de contar histórias em institutos de reeducação para menores com problemas. De acordo com sua experiência, as histórias curam. Elas não curam a parte física das crianças, mas resgatam o que as crianças têm de bom e fazem com que elas possam retomar a vida, alimentar-se de ideias e crescer. Esse educador conta emocionado o relato de um jovem que, após ter ouvido uma história, o procurou para dizer que era a primeira vez que alguém lhe contava uma história.

Introduzir a prática de leitura literária na escola não é uma tarefa fácil, pois muitos professores mostram-se resistentes quando se trata de ler apenas pelo ato de tornar prazerosa a relação de leitores com os textos. Entende-se que para quebrar esta barreira é preciso que professores desenvolvam um trabalho de reflexão acerca de que papel a literatura exerce na formação de um indivíduo. Na escola analisada percebemos que os professores consideram importante contar histórias, mas observamos que faz-se necessário entender que as concepções acerca da literatura infantil estão intimamente ligadas a concepção de infância e que, por esse motivo, tem resquícios da visão utilitária da literatura, pois assim foi constituída historicamente.

Coelho (1999, p. 14) relata que

A história é o mesmo que um quadro artístico ou uma bonita peça musical: não poderemos descrevê-los ou executá-los bem se não os apreciarmos. Se a história não nos desperta a sensibilidade, a emoção, não iremos contá-la com sucesso. Primeiro, é preciso gostar dela, compreendê-la, para transmitir tudo isso ao ouvinte. Quando me interpelam nos cursos de treinamento dizendo: “Não gosto de contar histórias tristes, que devo fazer?” A resposta óbvia é: “Não as conte. Escolha o que gosta de contar”.

A autora nos faz refletir sobre a necessidade de gostar daquilo que lemos; ao escolher a história levar em conta, além do que é adequado para a faixa etária a qual trabalhamos, nossos gostos pessoais, e pensar nas possibilidades de agradarmos ou não a todos os ouvintes.

Os livros literários possibilitam às crianças, experimentar uma vivência simbólica por meio da imaginação, permitindo que estes ouvintes, através da

transição de realidade e ficção, avaliem o mundo e situem-se nele. Quando realizadas leituras em sala de aula, o professor deve fazer com que os alunos sejam ouvidos, pois haverá diversas interpretações, visto que certas narrativas de ficção facultam certa liberdade para a imaginação. “A percepção dos códigos visuais e da ideia de conjunto da narrativa inspiram o leitor a dar vida às cenas retratadas, num exercício de reconstrução de imagens que geralmente carrega boa carga de individualidade” (FARIA, 2004, p. 123).

É importante que a literatura esteja presente na rotina escolar das crianças, pois assim elas entram em um mundo diferente ao da sua realidade. Ao narrar uma história, o professor leva a criança a interagir com o mundo da fantasia que é proposto pelo livro.

3.6 ILUSTRAÇÃO

Na escola analisada, no dia 25/10/2013, uma das crianças, ao pegar o livro da Rapunzel para visualização, chamou seus amigos para ouvir a história que ela iria contar, este é um exemplo de leitura de imagens.

Era uma vez papai e mamãe, aqui o pai toma um café e a mãe sonha com rabanetes, ela tem um barrigão. O papai foi no jardim da bruxa, e pegou o rabanete, levou para a mamãe, ela comeu, e apareceu um bebê, que a bruxa levou embora, e a mamãe ficou chorando.

Era a Rapunzel, agora ela está presa e grande, e tem tranças gigantes para fora da torre, e a bruxa sobe pela escada de tranças para levar comida pra princesa.

Agora apareceu um príncipe e seu cavalo, ele está escondido atrás da árvore, eu acho que ele vai subir na torre. Ele subiu e encontrou a princesa. Agora a bruxa cortou as tranças da princesa e colou na janela. O príncipe subiu e viu a bruxa, caiu da janela e não está vendo nada, a bruxa fica rindo dele.

Ele encontrou a princesa, e os dois passearam de cavalo, eu acho que estavam indo se casar, e foram felizes para sempre, e acabou.

Percebe-se com o relato da criança que ela já conhecia alguns detalhes da história, mas também fez uma boa leitura de imagens. Em seguida, a pesquisadora lê a história para as crianças (ver anexo 8), antes de começar

relata “vou ler a história que a amiga acabou de contar”, tal atitude foi tomada para que percebam que a leitura feita por elas também é importante, pois ao final a criança que leu diz a pesquisadora “eu li direitinho a história”, a criança percebeu isso depois que ouviu a mesma história . Neste ponto concordamos com a afirmação de Iser (1996, p. 79) “apenas a imaginação é capaz de captar o não-dado, de modo que a estrutura do texto, ao estimular uma sequência de imagens, se traduz na consciência receptiva do leitor. O conteúdo dessas imagens continua sendo afetado pelas experiências dos leitores”.

No dia 06/11/13 a pesquisadora utilizou um livro em formato pop-up, que contém dobraduras feitas com maior cuidado, e ao abrir o livro as imagens parecem saltar das páginas, para contar a história, o livro “Os Três Porquinhos” de Cyril Hahn (ver anexo 9), história já contada antes, mas foi repetida pelo fato de ter uma estrutura diferente das outras e também imagens diferenciadas, neste livro as casas dos porquinhos foram feitas de papel, papelão e concreto, e ao final da história o lobo é preso. Percebemos neste momento que as crianças ficaram atentas à contação, pois as ilustrações chamavam a sua atenção. Consideramos com tal observação a importância das imagens nos livros, onde as crianças fazem sua leitura por meio delas.

De acordo com Faria (2004) a fase simbólica é uma etapa fundamental para a criança, pois é através dela que elas vão associar que o desenho está inserido em um contexto e que possui um significado. Nesse sentido, considera-se a necessidade de analisar o real pensamento e compreensão da criança, ou seja, se esta consegue identificar o significado de algum desenho. É importante a presença de imagens nos livros infantis, e que sejam de fácil compreensão para a criança. Como afirma Faria (2004, p. 42).

A imagem precisa concentrar elementos de hipersignificação da narrativa:

- a) Os elementos estáticos, ligados à descrição, por meio de sugestões espaciais, como o ambiente em que se passa a ação, as personagens e suas características como a roupa que vestem, o lugar em que vivem, seus objetos pessoais etc.
- b) Os elementos dinâmicos, ligados ao encadeamento da narrativa, como exprimir com clareza a ação, os gestos e as expressões motivadoras das personagens, além de marcar o ritmo da ação e a progressão da narrativa.

São características como as citadas acima que precisam estar presentes nas imagens dos livros para a educação infantil, o ilustrador precisa estar atento, olhar como o olhar da criança, para verificar se a imagem será de fácil compreensão da criança, e se está relacionada com o texto.

No dia 08/11/13, a pesquisadora contou a história “Eu sou o mais forte”, de Mário Ramos (ver anexo 10). A história relata o passeio do lobo pela floresta, onde encontra alguns personagens de outras histórias como “Chapeuzinho Vermelho, três porquinhos, sete anões”, e pergunta “quem é o mais forte?”, e todos os personagens respondem que é ele, mas ao final a história traz uma surpresa. Citando uma espécie de sapinho que fala que sua mãe é a mais forte, e vendo a mãe do “tal sapinho” o lobo recua e fala que é bonzinho, o que queremos relatar aqui é que o livro não traz o nome da tal espécie, mas por meio da ilustração as crianças podem perceber que se trata de um dragão, por isso o lobo sente medo e muda seu discurso, finalizando a história sendo o lobo bonzinho.

No dia 25/09/13, a história contada foi “É o lobo” (ver anexo 11), onde o autor sugere as crianças que coloquem a mão nas imagens para verificar se o lobo está escondido ali, no início elas ficam com receio de tocar, mas todas aos poucos vão tocando nas imagens. A pesquisadora antes de finalizar a história faz um suspense “e agora, será que o lobo vai aparecer”, ao abrir a última página observa a expressão de espanto das crianças ao ver a imagem de um enorme lobo “saltar” da página, deixa o livro aberto por alguns instantes e aos poucos as crianças se aproximam e tocam também nesta imagem. Percebemos com esta observação que em um primeiro momento as crianças ficam assustadas com as imagens, mas logo depois sentem curiosidade em ver como é realmente aquela imagem e começam a tocar no livro.

Existem livros somente de imagens, onde as crianças criam suas histórias, um momento que elas podem viajar no mundo fantástico da imaginação e criar a história que quiserem. Estes livros podem estar disponíveis para as crianças em um cantinho da sala em algum dia, para que a criança possa visualizá-lo e criar sua história, é importante que em um momento como este o professor esteja junto para analisar a criação da criança, como afirma SME (2010, p. 12).

Os livros só de imagens merecem uma atenção especial, pois são os únicos que a criança realmente pode ler sem a intervenção do adulto. Para se oportunizar a reconstrução e a interpretação pessoal da história, o livro deve ser apresentado sem que o adulto descreva as cenas. A aproximação com esse tipo de livro pode ocorrer em pequenos grupos, mas pode-se apenas deixá-lo sobre uma mesa ou prateleira durante a proposta de cantos de atividades diversificadas, desde que o educador provoque a criança a buscá-lo.

Um exemplo como este foi observado na escola analisada no dia 11/11/13, a professora deixou uma imagem com uma das cenas da história “A bruxinha atrapalhada”, de Eva Furnari, em uma das mesas da sala, e chamava pequenos grupos para que juntos criassem uma história, antes de iniciar explicava para as crianças que a bruxinha da história era toda atrapalhada e não acertava usar sua varinha mágica, um dos grupos foi supervisionado pela pesquisadora, que anotou a seguinte história produzida pelas crianças, a partir da imagem abaixo:



Figura 7 – imagem de página do livro “A bruxinha atrapalhada”

Texto produzido pelas crianças

1º quadrinho: A bruxinha está sentada em um banco, pensando em uma magia.

2º quadrinho: Apareceu uma galinha e chega bem perto dela. A varinha está escondida atrás dela.

3º quadrinho: Agora ela pegou e fez pirim. Vai aparecer alguma coisa.

4º quadrinho: Eu acho que é uma jarra, é uma panela.

5º quadrinho: Ela se abaixa para pegar, mas não consegue.

6º quadrinho: Agora ele ergueu, o que tem ali, olha é uma pedra? Ela ficou assustada. Errou a mágica de novo, não acredito.

A história criada pelas foi muito criativa, eles observaram atentamente as imagens, ao final uma das crianças perguntou “é isso que falei que acontece?”, a pesquisadora disse que sim, a história eles que criavam e foi o que falaram que realmente aconteceu. Percebemos então que ficaram felizes por criar uma história, onde não houve intervenção do adulto dizendo que não era aquilo. e com isso percebemos que as imagens ajudam muito na imaginação das crianças, são imagens bem feitas, de fácil compreensão, que facilitou o trabalho para a criação da história. Faria (2004, p. 60) comenta sobre as produções de Eva Furnari, onde relata que

Furnari utiliza a segunda modalidade nas historietas de *A Bruxinha atrapalhada* e elas se aproximam da estrutura da anedota: a cena final não é propriamente um desenlace, mas uma situação inesperada e cômica. Um “solavanco mental”, como escreve Elias Thomé Saliba, pois “o humor brota exatamente do contraste, da estranheza e da criação de novos significados”. Caberá ao leitor fazer a interpretação necessária para entender o que se passou no último quadro. As histórias da *Bruxinha* mostram que ela gosta de usar sua varinha de condão, mas, ainda sem o traquejo das bruxas formadas, acaba fazendo artes pela metade, causando grande espanto nela própria e no seu inseparável gatinho.

Exemplos como o citado acima, onde a imagem é de boa qualidade podem ser apresentados para as crianças mesmo sendo pequenas, pois já observam atentamente as ilustrações e têm uma percepção do que se passa, ajudá-los a observar detalhe por detalhe atentamente e deixar com que eles falem o que veem sem intervenção.

Estar atento às ilustrações do livro é importante na hora de contar histórias, não somente analisar o texto que traz, mas também as ilustrações,

pois nesta idade de 2 á 4 anos, a criança faz uma leitura de imagens. De acordo com Brandão e Rosa (2011, p. 47).

Uma característica do livro infantil contemporâneo é que este integra uma narrativa escrita e uma narrativa visual. O aspecto intertextual é, portanto, um critério a considerar. Nesse sentido, antes de trazer um livro para a roda de histórias, vale perguntar: existe uma boa articulação entre o texto verbal e as imagens? O leitor é convidado a “ler” os desenhos, fotos, colagens, conferindo-lhes significado? As imagens auxiliam a criança a “fazer sentido” para a narrativa ouvida? As ilustrações têm valor estético, que tocam a sensibilidade do leitor? São engraçadas, inquietantes, bonitas?

Considerar as ilustrações um fator primordial é importante para contar histórias para as crianças que ainda não sabem ler, pois ao ouvir a história estarão observando as imagens e relacionando com o que ouvem.

3.7 O DESPERTAR DO IMAGINÁRIO

A presença de histórias na vida da criança deve se tornar uma necessidade, pois ao ouvi-las irá descobrir mundos diferentes por meio de sua imaginação. De acordo com Dohme (2000, p. 19), “o exercício da imaginação traz grande proveito às crianças, porque atende a uma necessidade muito grande que elas têm de imaginar”; analisando tal pensamento percebe-se que para a criança tudo pode ser fantasiado nas histórias.

No dia 10/9/2013, uma das pesquisadoras contou para as crianças uma história chamada “Clara manhã de quinta-feira à noite, Don Wood” (ver anexo 12), uma história que como relatou uma criança é “maluca”, pois é de total estranhamento, a começar pelo título, como existir manhã a noite? No decorrer da história percebemos uma imaginação sem limites do autor, e situações que só acontecem mesmo no imaginário. A imaginação das crianças nos chama a atenção, pois como afirma Perrotti (1986, p. 79) “não se constroem obras de arte ‘sem imaginação, sem estilos, nem ideias’. Sem uma ‘linguagem maleável e viva’”. Grandes histórias serão construídas se utilizarmos a imaginação.

As crianças ficaram atentas durante toda a história, e após o término da mesma foi proposta a criação de uma nova parecida com a que foi lida, a

criação de uma história imaginária, que de acordo com Held (1980, p. 25) “o fantástico seria o irreal no sentido estático daquilo que é apenas imaginável; o que não é visível aos olhos de todos, que não existe para todos, mas que é criado pela imaginação, pela fantasia de um espírito”; e foi o que as crianças fizeram, imaginaram cenas que aos nossos olhos são impossíveis. Abaixo segue a história criada pelas crianças.

Um calor de inverno

No calor do inverno, eu dormi no carro; sonhei com papai e mamãe fazendo comida e depois comeram toda a janta. Então eles tomaram suco e entraram no parquinho. Eles brincaram de escorregar e fazer castelo, e fizeram uma fila toda torta.

De repente, aconteceu uma chuva de estrelinhas, e eles brincaram de robô e pega-pega, e também comeram feijão. Então, apareceu o lobo para ir para casa fazer macarrão.

Chegando em casa eles dormiram acordados e apareceu o Batman e um monstro que escondeu eles no tapete. Então eu acordei e vi que nem estava dormindo.

A História só termina na sexta, quem quiser que invente outra.

(Turma do Infantil III)

A criação da história no início parecia uma tarefa difícil, pois as crianças não falavam fatos que gostariam que estivessem presentes na mesma, estavam quietas, esperando que a pesquisadora começasse a falar, mas a mesma insistia para que eles falassem, pois não queria interferir, foi assim que uma criança deu a primeira ideia, depois disso todas se interessaram e ajudaram no processo de criação da história. Neste processo percebemos que a afirmação de Faria e Mello (2009, p. 13) faz sentido para nós

O objetivo de tudo isso é fazer com que a criança aprenda a amar os livros, para que ela desenvolva a curiosidade em descobrir os livros e para que se crie nela, também, uma motivação para querer aprender a ler, para conhecer; para que, no futuro, tenha a capacidade de introduzir-se nesse processo de leitura, o desejo de entrar em contato com esse mundo escrito e também a criatividade necessária para entrar em contato com as informações. Isso, para nós, é a chave do sucesso na vida.

A contação de histórias tem um papel fundamental na formação da criança, na transformação do seu imaginário, no seu desenvolvimento do conhecimento; a proximidade com os livros faz com que entrem em um mundo de maravilhas, a criança começa a fantasiar. Como relata Craidy e Kaercher (2001, p. 87) “além das histórias já editadas é extremamente importante trabalhar com a produção de histórias pelas crianças: o professor, como ‘escriba’, registra histórias inventadas pelas crianças”. No processo de criação, as crianças entraram no mundo do imaginário, e entenderam o sentido da história contada, relatando acontecimentos que aos olhos dos adultos são diferentes, mas aos olhos de sua imaginação são possíveis. Percebemos também que as crianças já tem noção de que uma história tem sequência, ou seja, começo, meio e fim.

Mas com relação ao contexto da história, será que as crianças acreditam mesmo que isso que falaram é possível?. Held (1980, p. 45) relata que

Por que se assustar quando a criança sonha e brinca? Ela experimenta suas forças novas. Exercita sua imaginação, assim como exercita seus músculos, ou descobre e constrói, pouco a pouco, os mecanismos lógicos. Mas, frente a esse brinquedo do imaginário, o adulto fica inquieto, desconfiado, fica na defensiva. Admite *alguns* dos processos do imaginário e da representação imaginária, porque são antigos, socializados, tornaram-se clássicos, constituem agora atividades sociais reconhecidas e catalogadas.

Como vemos na citação acima, quando a criança imagina alguma cena que o adulto sabe que não é possível acontecer, fica inquieto. Para analisar tal afirmação, no dia 11/9/2013, a pesquisadora contou uma história envolvendo as frutas. Ao cortar a banana relatou que estava passeando quando encontrou o gato de botas, e ele pediu para que ela levasse aquelas bananas até a escola. Podemos ver com isso que as crianças acreditaram no que ouviram, pois uma das crianças disse “vou comer tudo porque a profe vai encontrar o gato de botas depois e contar para ele”, com isso conseguimos juntamente com as crianças entrar no imaginário. Como afirma Held (1980, p. 50).

A ficção proposta à criança pelo adulto, a reflexão e as discussões que acarreta constituem, precisamente, forma de exercício que permite, à criança, tornar-se mais lúcida e mais flexível em sua própria manipulação do real e do imaginário.

E para continuar a história, a pesquisadora pergunta:

Pesquisadora: Quem vocês gostariam de encontrar?

LA: o Batman

Pesquisadora: Sabe que eu encontrei o Batman enquanto estava no mercado comprando maçãs para trazer para a escola, e ele me pediu que trouxesse essas maçãs para nossa turma.

Na criação da história a pesquisadora coloca personagens sugeridos pelas crianças, o que faz com que se tornem participantes da mesma.

Vale ressaltar aqui uma história contada por uma criança no dia 8/10/2013, neste dia a proposta feita pela escola era de que cada criança fosse com uma fantasia de palhaço, ao chegar à escola a criança já pediu a pesquisadora “posso contar uma história?”, a pesquisadora respondeu que com certeza poderia contar. Então a criança relatou:

“Eu estava passeando com minha mãe quando encontrei um palhaço gigante, ele tinha o tamanho de um elefante, e vocês não sabem o que aconteceu? Eu fiquei com medo e comecei a chorar, minha mãe disse que não precisava porque o palhaço não iria me fazer mal. Eu perguntei se ele não era o lobo mau, ela disse ‘ai, ai, claro que não meu filho’. Eu parei de chorar, vai que ele me pegava por estar chorando. Então ele resolveu me emprestar sua fantasia, mas chamou seu amigo mágico para diminuir a roupa, porque era muito grande para mim, ne?, olha meu tamanho, sou pequeno. Então o mágico veio e diminui a roupa, eu coloquei e estou aqui, olhem que bonita!”
(Criança do Infantil III)

Este relato nos chamou a atenção, pois a imaginação da criança tomou conta do momento, ela utilizou as fantasias que seriam usadas durante a semana na escola, neste dia de palhaço, e dois dias depois seria de mágico, Utilizou algo que sabia para criar sua própria história, depois olhou para a pesquisadora e disse “eu também encontro personagens na rua, não é só você”. Podemos com isso refletir sobre o que Corso (2005, p. 21) diz.

Frequentar as histórias imaginadas por outros, seja escutando, lendo, assistindo a filmes ou a televisão ou ainda indo ao teatro, ajuda a pensar a nossa existência sob pontos de vistas diferentes. Habitar essas vidas de fantasia é uma forma de refletir sobre destinos possíveis e cotejá-los com o nosso. Às vezes, uma história ilustra temores de que padecemos, outras, encarnam ideais ou desejos que nutrimos, em certas ocasiões iluminam cantos obscuros do nosso ser. O certo é que escolhemos aqueles enredos que nos falam de perto, mas não necessariamente de forma direta, pode ser uma identificação tangencial, enviesada.

No dia 10/10/2013, as crianças foram fantasiadas de mágico, quando a mesma criança chegou à sala a pesquisadora perguntou “e hoje você encontrou um mágico na rua?”, a criança logo respondeu “sim, e ele me emprestou a sua roupa, olha aqui”, a pesquisadora pergunta “e hoje você tem outra história para contar”, a criança pensa por um instante e diz “hoje não, ele pediu para que eu não contasse pra ninguém”.

Neste sentido concordamos com a afirmação de Corso (2005, p. 21) “a paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto não existe infância sem ficção”. Mesmo sendo pequenas, as crianças já possuem uma grande capacidade para utilizar sua imaginação, e ao ver o adulto criando uma história, percebem que também conseguem fazer o mesmo, foi o que aconteceu neste caso. Com o diálogo do aluno “eu também encontro personagens na rua, não é só você”, nos remetemos ao dia em que a pesquisadora inventou uma história dizendo que encontrou alguns personagens na rua e eles pediram para que ela levasse frutas para a escola, a criança se lembrou disto e criou sua própria história.

Com todos os itens citados percebemos o quão importante é contar histórias para as crianças, mas para obter o resultado desejado é preciso que alguns fatores sejam analisados e trabalhados, como citamos no decorrer no trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o trabalho desenvolvido percebemos o quanto é importante a presença da contação de histórias na educação infantil, o mundo fantástico é descoberto pela criança, a imaginação da criança começa a fluir, e sua capacidade de criação começa a ter vida, para nós isto é essencial, pois como lemos em um dos livros da SME (2010, p.8).

Contar histórias na infância fundamenta o aprimoramento dos sentidos e a troca efetiva entre as descobertas infantis e as coisas do mundo. Sugere um acalento para o processo de desenvolvimento emocional, cognitivo e físico.

A criança que aprende a ouvir histórias alarga seu vocabulário e constrói seu repertório com imagens mentais diversas. Assim, passa a compreender e a lidar com as sensações e percepções do mundo que a cerca. A criança de educação infantil, nos seus diferentes níveis, desenvolve ou amplia seu vocabulário e exercita a organização das ideias através das diferentes linguagens. Muitas vezes os personagens das histórias aconchegam e cobrem a criança com seus discursos, diálogos, gestos e ela se identifica com o desfecho das histórias.

Práticas como as analisadas neste estudo de caso fizeram com que nosso conhecimento com relação à contação de histórias fosse aperfeiçoado. Os registros feitos em alguns dias citados no decorrer do trabalho fez com que percebêssemos o desenvolvimento das crianças com relação a ouvir histórias, se no início não ficavam atentas, no decorrer do ano pediam para que mais de uma história fosse contada no dia.

Na escola analisada pudemos ver a grande importância que os professores dão à contação, repetindo tal atividade todos os dias e realizando atividades relacionadas à história, e até mesmo produzindo livros para mostrar o trabalho e fazer com que as crianças vejam o quão valioso é ouvir uma história e registrá-la por meio de atividades depois.

Para alcançar o objetivo desejado com a contação é necessário que haja planejamento, e dentro deste planejamento está a seleção de livros e organização do espaço, fatores indispensáveis na organização do momento de história, é preciso estar atento às crianças, para ver se todos têm o acesso às imagens do livro, pois nesta idade que acompanhamos, elas ainda não são

alfabetizadas, e a leitura de imagens que fazem é muito importante para o seu desenvolvimento.

Verificamos que a leitura feita pelo professor deve ser minuciosa, é preciso ler o livro antes de levá-lo à sala, e no momento da leitura a entonação de voz que o professor usa é de total importância para as crianças, para que possam ver a diferenciação entre os personagens da história. Utilizar diferentes recursos para contar histórias, como fantoches, dedoches, fantasias, entre outros, tais formas de diferenciação faz com que as crianças criem o gosto de ouvir histórias e possam assim utilizar sua imaginação.

Deixar com que falem suas observações após a história, ouvir atentamente as perguntas das crianças e deixar também com que produzam histórias, pois assim verifica-se o quanto é importante deixar com que o imaginário seja despertado, e viajar pelo mundo fantástico juntamente com elas.

Os objetivos de tal trabalho foram alcançados, pois no decorrer do ano observamos muitos momentos de contação de histórias, e o trabalho da professora de uma turma, onde uma das pesquisadoras, que atua como auxiliar teve a oportunidade de contar histórias para as crianças e anotar as observações daquele dia, tal acesso foi de grande importância, nos sentimos privilegiadas por ter essa abertura em sala, o que contribuiu para o desenvolvimento do nosso trabalho e percepção da contribuição da literatura infantil para o desenvolvimento do imaginário, da criatividade, do lúdico e da fantasia das crianças.

Seguindo nosso trabalho como educadoras, professoras, sabemos da importância da literatura infantil ser aplicada de forma adequada, a experiência que tivemos realizando este trabalho nos faz ter o gosto em contar histórias para as crianças e no decorrer deste processo analisar seu desenvolvimento e despertar do seu imaginário. Uma experiência que nos trouxe muitos aprendizados e que estaremos utilizando como exemplo no decorrer da nossa carreira profissional.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.
- ALVIM, Bebete. **O outro lado do lado**. Editora Scipione, 2009.
- AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazzi Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995. - (Série Prática Pedagógica)
- ANDRÉ, Tâmara Cardoso. **Literatura infantil – Práticas adequadas ajudam a despertar o gosto pela leitura**. Revista do professor, Porto Alegre, n. 78, p. 18-21, abr/jun. 2004).
- BARROS, Aidil Jesus da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de metodologia científica**. 2. Ed. Ampliada. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BELLINGHAUSEN, Ingrid Biesemeyer. **Cachinhos Dourados e os Três ursos**. São Paulo: Editora DCL, 2006.
- BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Souza (orgs). **Ler e escrever na educação infantil**. Discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- BRZEZINSKI, Iria; SCHULTZ, Lenita Maria Junqueira. Estudo de Caso de Tipo Etnográfico aplicado à Pesquisa em Educação Infantil: Uma possibilidade; In BRZEZINSKI, Iria; ABBUD, Maria Luiza Macedo; OLIVEIRA, Claudia Chueire de. (org). **Percursos de Pesquisa em Educação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.
- BUCHWEITZ, Clécia Aragão. **É o Lobo?** São Paulo: Ciranda cultural, 2012.
- COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.
- COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da Literatura Infantil**. Curitiba: IBPEX, 2007.
- CRAIDY, Carmen; KAERCHER, Glágio (orgs.). **Educação infantil**. Pra que te quero. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal da Educação. **Caderno pedagógico: oralidade/ Secretaria Municipal da Educação**. -2. Ed. rev. – Curitiba: SME, 2009. – 101 p. (Cadernos pedagógicos de educação infantil, 1).

- DOHME, Vania. **Técnicas de contar histórias**. São Paulo: Informal, 2000.
- FARIA, Ana Lúcia Goulart; MELLO, Suely Amaral. **Linguagens infantis**: outras formas de leitura. Campinas: autores associados, 2009.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed 2009.
- FRANCO, Maria Laura. **Análise do Conteúdo**. 2. Ed. Brasília: Líber Livro, 2007.
- FURNARI, Eva. **A Bruxinha Atrapalhada**. São Paulo, Editora Global, 2003.
- HAHN, Cyril. **Os Três Porquinhos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2006.
- HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder**: as crianças e a literatura fantástica. São Paulo: Summus, 1980.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996. 2 v.
- OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos de (Org.). **A criança e seu desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 1995a.
- OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos de. **Educação infantil**: muitos olhares. São Paulo: Cortez, 1995b.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Encontros e encantamentos na educação infantil**: partilhando experiências de estágios. Campinas: Papirus, 2000.
- PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.
- RAMOS, Mário. **Eu sou o mais forte**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- RASCAL; GIREL, Stephane. **Ami-Ami**. Paris: L'école de Loisirs, 2010.
- SANDRONI, Laura C.; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**- Guia prático de estímulo à leitura. Série Educação em Ação. – São Paulo: Ática, 1986.
- SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. Departamento de Educação Infantil. **Planejamento e Avaliação**: orientações básicas para CMEIs, CEIs conveniados e escolas com educação infantil. Curitiba, 2010a.
- SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. Departamento de Educação Infantil. **Leitura e contação na Educação Infantil**: orientações

básicas para CMEIs, CEIs conveniados e escolas com educação infantil. Curitiba, 2010b.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. **Diretrizes Curriculares para a Educação Municipal de Curitiba**. Volume 2- Educação Infantil, 2006.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. Referenciais para estudo e planejamento na educação infantil. **Cantos de atividades diversificadas na educação infantil**. Orientações básicas para CMEIs, CEIs conveniados e escolas com educação infantil. Curitiba, 2010c.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO DE CURITIBA. Referenciais para estudo e planejamento na educação infantil. **Modalidades organizativas do Tempo Didático**. Orientações básicas para CMEIs, CEIs conveniados e escolas com educação infantil. Curitiba, 2010d.

SIMÕES, Vera Lúcia Blanc. **Histórias infantis e aquisição da escrita**. São Paulo: Perspec. 2000, vol.14, n.1, pp. 22-28.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Cláudia Schilling- 6. Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Mauricio de. **Rapunzel**. Rio de Janeiro: Editora Mauricio de Sousa, 2008.

TERRA, Ana. **E o dente ainda doía**. São Paulo: Editora DCL, 2012.

WOOD, Audrey. **A bruxa Salomé**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

WOOD, Audrey. **A casa sonolenta**. São Paulo: Editora Ática, 2009.

WOOD, Audrey. **Clara manhã de quinta à noite - uma história sem pé nem cabeça**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANEXOS

Anexo 1

Questionário

Ao professor:

- 1) Como você seleciona os livros literários para sua sala?
- 2) Ao realizar o planejamento, tem um olhar atento à realidade das crianças?
- 3) Segue corretamente o planejamento ou é flexível à alterações quando necessárias?
- 4) Como você prepara o ambiente para a contação de histórias?
- 5) Para você qual a importância de contar histórias?
- 6) Ao narrar a história, utiliza entonações na voz de acordo com os personagens?
- 7) Qual o critério utilizado na demonstração da ilustração dos livros?
- 8) Utiliza materiais diferenciados ao contar a história? (exemplos: fantoches, dedoches, fantasias, etc.).
- 9) Você é flexível à interrupções das crianças no meio da história? Interage com elas durante a narração?
- 10) Ao término da história, você argumenta com as crianças sobre aspectos da história? Faz alguma atividade relacionada à mesma?

Anexo 2

Lista de livros da caixa da turma analisada

A Bela Adormecida- Contos clássicos
A bela e a Fera- Contos clássicos
A floresta misteriosa (Backyardigans) – Ciranda cultural
A história do pequeno Pinguim- Audrey Wood
A onça- Mary França; Eliardo França
A princesa e o sapo- Clássicos de ouro
A raposa que sabia tudo- Roberto Belli
Animais divertidos- Ciranda Cultural
Branca de Neve- Contos clássicos
Branca de Neve e os sete anões- Coleção Disney
Cachinhos de ouro e os três ursos- Clássicos de ouro
Chapéu de palha- Mary França; Eliardo França
Chapeuzinho Vermelho- Contos clássicos
Cinderela em os ratos salvaram o dia- Disney
Dinossauros- Charles Reasoner
Dumbo- Disney
Eu preciso muitíssimo tocar música também- Lauren Child
Eu quero tocar música também- Lauren Child
Feliz Natal- Katrina Fearn, tradução: Debora Chobanian
Fogo no céu- Mary França; Eliardo França
Franklin tem medo do escuro- Paulette Bourgoies; Brenda Clark
João e Maria- Contos clássicos
João e o pé de feijão- Contos clássicos
McQueen velocidade total- Disney Pixar Carros
Mônica- Mauricio de Sousa e Yara Mausa Sousa
O banho do porquinho- Michael Dahl, ilustrações: Oriol Vidal
O bolo de natal- Elza Fuíza
O jogo da parlenda- Heliosa Prieto
O patinho feio- Selma Braido, ilustrações: Salatiel de Holanda
O porquinho e o lobo- Vale das letras

O ratinho, o morango vermelho maduro e o grande urso esfomeado- Don e Audrey Wood.

O sumiço do sol- Ricardo Corona

Os músicos de Bremen- Clássicos de ouro

Os sapatos de Lulu- Camilla Reid

Os três porquinhos- Contos clássicos

Os Três Porquinhos- Cyril Hahn

Os Três Porquinhos- Walt Disney

Patinho feio- Contos clássicos

Pequena Sereia- Contos clássicos

Pequenos filhotes (Edi, o hipopótamo; Nino, o esquilo; Passarinho Dico; Lalo, o leão) - Jaqueline Kormann

Peter Pan- Editora Bicho esperto

Pinóquio- histórias clássicas em Pop-up

Pinóquio- Jakeunbeuk

Quando me sinto bondoso- Tarce Moroney

Quando me sinto feliz- Tarce Moroney

Quando me sinto sozinho- Tarce Moroney

Que perigo!- Mary Franca; Eliardo França

Rapunzel- Contos clássicos

Somos seus amigos (Backyardigans) – Ciranda cultural

Tatu-bola- Dulce S. Rangel

Tesouros da neve- Amanda Wallwork

Tubarão Resfriado- Kate Thomson, ilustração: Bary Grien

Tuca, vovó e Guto- Mary França; Eliardo França

Um dia na selva- Cathy Drink Water Betier

Ursinho brincalhão diz amarelo- Ian Whybren; Caroline layne Church

ANEXO 3

Livro: O outro lado do lado - Bebete Alvim



Tudo tem um lado, e o outro lado.

A história tem dois lados, começo e fim.

A moeda tem dois lados, a cara e a coroa.

O ovo tem dois lados, dentro e fora.

A cobra tem dois lados, a cabeça e o rabo.

O caminho tem dois lados, a ida e a volta.

O rosto tem dois lados, o esquerdo e o direito.

O mar tem dois lados, a superfície e o fundo.

O quadro tem dois lados, à frente e atrás.

O escorregador tem dois lados, a subida e a descida.

O cd tem dois lados, o da frente e o de trás.

A corda tem dois lados, o da ponta...

ANEXO 4

Livro: A Bruxa Salomé - Audrey Wood



Era uma vez uma pobre mulher que vivia bem longe, além da estrada coberta de poeira, com seus sete filhos: Segunda-feira, Terça-feira, Quarta-feira, Quinta-feira, Sexta-feira, Sábado e Domingo. Todos os dias, antes que a mãe saísse para o mercado, as crianças ajudavam nos afazeres domésticos. Um dia, depois que tinham terminado, a mãe disse: - Como vocês são umas crianças muito boazinhas, podem pedir o que quiserem, que eu trago do mercado.

As crianças ficaram radiantes, e cada uma sabia exatamente o que queria.

Segunda-feira pediu um pedaço de manteiga. Quinta-feira, um pedaço de mel. Sexta-feira gostaria de um pouco de sal.

A mãe despediu-se das crianças com um conselho: - Tenham muito cuidado e lembrem-se; não deixem ninguém estranho entrar e nem cheguem perto do fogo.

Assim que ela saiu, as crianças trancaram a porta e começaram a brincar. Não se passara muito tempo, quando apareceu uma bruxa, que vinha mancado pela estrada. Ela estava puxando uma carroça muito pesada. Chegando perto da casa, deu umas batidinhas na janela e gritou: - Sou a dona bruxa Salomé, e acabei de prender meu pé. Deixem-me entrar.

-Não podemos - disseram em coro Segunda-feira, Terça-feira, Quarta-feira, Quinta-feira, Sexta-feira, Sábado e Domingo. -Nossa mãe falou para não deixarmos nenhum estranho entrar.

A bruxa Salomé tirou um cachimbo do bolso e enfiou-o na boca.

-Vamos, meus coraçõezinhos, tudo o que preciso é de um pouco de fogo para meu cachimbo. Só queria um pouco de palha incandescente.

-Não podemos - disseram em coro Segunda-feira, Terça-feira, Quarta-feira, Quinta-feira, Sexta-feira, Sábado e Domingo. Nossa mãe falou para não tocarmos no fogo.

Salomé aproximou-se da carroça e apanhou um saco. -Tenho certeza de que a mãe de vocês não vai se importar _disse _ Olhem, se vocês me deixarem entrar para acender meu cachimbo, vou dar-lhes isto.

Debruçando-se na janela, as crianças olharam dentro do saco e quase não acreditaram no que viram.

-Ouro! –gritaram- Por um saco de ouro nós a deixamos entrar e acender seu cachimbo.

Então destrancaram a porta e deixaram a bruxa entrar. Depois correram até a lareira e pegaram diversos pedaços de palha incandescente para acender o cachimbo dela. Mas assim que o cachimbo estava aceso, a bruxa Salomé atirou-o no chão e gritou:

-Agora peguei vocês!

E imediatamente transformou as crianças em comida. Segunda-feira transformou-se em pão. Terça-feira transformou-se numa torta. Quarta-feira virou leite. Quinta-feira, um mingau de aveia. Sexta-feira transformou-se num peixe. Sábado, num queijo. E Domingo numa costela assada.

Em seguida, Salomé reuniu toda comida e levou para sua carroça. Sem olhar para trás, começou a puxar sua carga estrada afora. Passou pela ponte, cruzou a cidade, o campo de trigo e, finalmente, penetrou na floresta, onde ficava sua cabana. Logo depois a mãe, voltou para casa carregando uma cesta enorme. Lá dentro estavam todas as coisas que as crianças haviam pedido.

Um pedaço de manteiga para Segunda-feira. Um canivete para Terça-feira. Um jarro de louça para Quarta-feira. Um pote de mel para Quinta-feira. Um vidro de sal para Sexta-feira Bolachas para Sábado. E uma tigela de pudim de ovo para Domingo.

Segunda-feira, Terça-feira, Quarta-feira, Quinta-feira, Sexta-feira, Sábado e Domingo! -Chamou ela, mas ninguém respondeu. Então encontrou o cachimbo quebrado e viu os pedaços de palha queimada no chão. Lágrimas saltaram dos seus olhos

-Quem pegou meus filhos? -Gritou.

Um pássaro preto que tinha visto tudo ficou com pena da mulher e, de um salto, pousou no peitoril da janela. -Siga-me! -Gorjeou. Foi a bruxa Salomé. Ela prendeu o pé. E eles deixaram entrar.

Com a cesta na mão, a mãe seguiu o pássaro estrada afora. Passou pela ponte, cruzou a cidade, o campo de trigo e, finalmente, penetrou na floresta, onde ficava sua cabana. Salomé tinha acabado de sentar para jantar e estava prestes a dar a primeira dentada quando ouviu uma forte batida na porta.

-Deixe-me entrar! -Gritou a mãe. -Quero meus filhos de volta!

-Você não pode entrar. -Respondeu Salomé. -Seus sapatos estão sujos.

-Eu tiro os sapatos. -Disse a mãe. E assim fez.

-Deixe-me entrar! -Gritou a mãe. -Quero meus filhos de volta!

-Você não pode entrar. -Respondeu Salomé. -Suas meias estão sujas.

-Deixe-me entrar! -Gritou a mãe. -Quero meus filhos de volta!

-Você não pode entrar. -Respondeu Salomé. -Seus sapatos estão sujos.

-Então vou cortá-los. -Disse a mãe, como se fosse mesmo fazer aquilo. Mas ao invés de cortar os pés deu um jeito de escondê-los debaixo da saia e voltou de joelhos até a cabana da bruxa.

-Deixe-me entrar! -Pedi de novo. -Quero meus filhos de volta!

Quando Salomé olhou para baixo, pensou que a mãe não tinha mais pés e deixou-a entrar. Depois apontou para a mesa.

-Aqui estão seus filhos. -Disse - Se você não conseguir adivinhar que é quem, vou comê-los no jantar e você só tem uma chance.

A mãe continuou engatinhando, com os pés voltados para trás e engatinhou até a mesa. Como conseguiria adivinhar que alimento era cada criança? Desesperada olhou para dentro da cesta. Aqui estão as coisas que meus filhos queriam. _ Pensou _ E agora eles nunca vão tê-las.

-Depressa! -Ordenou Salomé. -Estou com fome!

A mãe olhou de novo para os alimentos em cima da mesa.

-Fale! -Ordenou a bruxa. -Meu jantar está ficando frio!

De repente, a mãe descobriu o que tinha que fazer. Tirando as coisas disse:

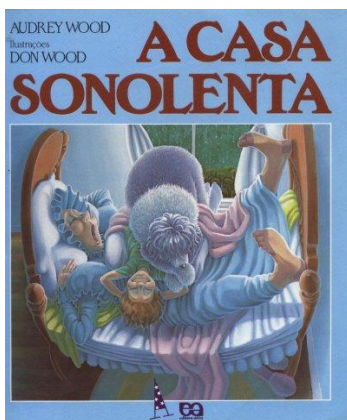
-Vou descobrir que alimento é cada meu filho pelas coisas que eles queriam:

O pão quer manteiga. Então é Segunda-feira. A torta quer uma faca. Então é Terça- feira. O leite quer um jarro. Então é Quarta-feira. O mingau quer mel. Então é Quinta-feira. O peixe quer sal. Então é Sexta-feira. O queijo quer bolachas. É Sábado. E a costela assada combina com pudim de ovo. Então esse é Domingo. Num piscar de olhos, as crianças voltaram a ser quem eram. Abraçaram e beijaram a mãe e festejaram com os outros. Imediatamente, a mãe ficou de pé e gritou para a bruxa:

-Consegui meus filhos de volta. Salomé! Agora você vai se arrepender de tê-los roubado! E começou a correr atrás da bruxa pelos arredores da cabana, até sair da floresta, passar pelos campos de trigo e finalmente chegar a te a ponte. Então, a bruxa Salomé pulou dentro do rio e nunca, mais foi vista novamente.

ANEXO 5

Livro: A casa sonolenta - Audrey Wood



Era uma vez uma casa sonolenta, onde todos viviam dormindo. Nesta casa tinha uma cama, uma cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.

Nesta cama tinha uma vó. Uma vó roncando, numa cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.

Em cima dessa vó, tinha um menino, um menino sonhando, em cima de uma vó roncando, numa cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.

Em cima desse menino tinha um cachorro, um cachorro cochilando, em cima de um menino sonhando, em cima de uma vó roncando, numa cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.

Em cima desse cachorro, tinha um gato, um gato ressonando, em cima de um cachorro cochilando, em cima de um menino sonhando, em cima de uma vó roncando, numa cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.

Em cima desse gato, tinha um rato, um rato dormitando, em cima de um gato ressonando, em cima de um cachorro cochilando, em cima de um menino sonhando, em cima de uma vó roncando, numa cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.

E em cima desse rato, tinha uma pulga...

Será possível? Uma pulga acordada, em cima de um rato dormitando, em cima de um gato ressonando, em cima de um cachorro cochilando, em

cima de um menino sonhando, em cima de uma vó roncando, numa cama aconchegante, numa casa sonolenta, onde todos viviam dormindo.

Uma pulga acordada, que picou o rato, que assustou o gato, que arranhou o cachorro, que caiu sobre o menino, que deu um susto na vó, que quebrou a cama, numa casa sonolenta, onde ninguém mais estava dormindo.

ANEXO 6

Livro: Cachinhos Dourados e os Três ursos- Ingrid Biesemeyer Bellinghausen

Era uma vez, uma família de ursinhos; o Pai Urso, a Mãe Urso e o Pequeno Urso. Os três moravam numa bela casinha, bem no meio da floresta.

O Papai Urso, o maior dos três, era também o mais forte, muito corajoso e tinha uma voz bem grossa. A Mamãe Urso era um pouco menor, era gentil e delicada e tinha uma voz meiga. O Pequeno Urso era o menorzinho, muito curioso e sua voz era fininha.

Certa manhã, ao se levantarem, Mamãe Urso fez um delicioso mingau, como era de costume. Porém, o mingau estava muito quente. Sendo assim, mamãe Urso propôs que fossem dar uma voltinha junta pela floresta, enquanto o mingau esfriava.

E assim fizeram. Mamãe Urso deixou o mingau em suas tigelinhas, esfriando em cima da mesa e os três ursos saíram pela floresta.

Enquanto eles estavam fora, apareceu por ali uma menina de cabelos loiros cacheados, era conhecida como Cachinhos Dourados. Ela morava do outro lado da floresta, num vilarejo, e tinha o mau hábito de sair de casa sem avisar seus pais.

Quando se aproximou da casinha dos ursos, já muito cansada de tanto andar, resolveu bater na porta. Bateu, bateu, mas ninguém respondeu. Assim, ao perceber que a porta estava apenas encostada, resolveu entrar.

Ao entrar, se deparou com uma mesa forrada com uma bela toalha xadrez e em cima da mesa havia três tigelinhas de mingau. Como estava com muita fome, e não viu ninguém na casa, resolveu provar a iguaria. Provou, então, o mingau da tigela maior, mas achou-o muito quente. Provou o da tigela do meio e achou-o muito frio. Provou o mingau da tigelinha menor e achou-o delicioso, não resistiu e comeu-o todo.

Após comer o mingau, Cachinhos Dourados foi em direção à sala. Lá encontrou três cadeiras, como estava muito cansada, resolveu sentar-se. Achou a primeira cadeira muito grande e levantou-se a seguir. Sentou-se, então, na cadeira do meio, mas achou-a desconfortável e ainda grande demais.

Sentou-se na cadeirinha menor e achou-a muito confortável e num bom tamanho. Porém, sentou-se tão desajeitadamente que a quebrou.

Ainda cansada, Cachinhos Dourados resolveu subir às escadas.

Encontrou um quarto com três caminhas, uma grande, uma média e uma pequena.

Tentou deitar-se na cama maior, mas achou-a muito dura. Deitou-se na do meio e achou-a macia demais. Deitou-se na menor e achou-a muito boa. Estava tão cansada que não resistiu e acabou pegando no sono. Enquanto ela dormia, os ursinhos voltaram do passeio. Foram logo à cozinha para tomar o mingau, que era o café da manhã. Estranharam a porta aberta, e logo perceberam que alguém havia estado ali.

- Alguém mexeu no meu mingau! - rosnou o Papai Urso.

- Alguém comeu do meu mingau! – disse brava a Mamãe Urso.

- Alguém comeu todo o meu mingau! – gritou o Pequeno Urso.

Os três ursos se dirigiram para a sala. Papai Urso olhou para sua cadeira e exclamou:

- Alguém sentou na minha cadeira!

Mamãe Urso, com sua voz, já não tão meiga, reclamou:

- Alguém também sentou na minha cadeira!

O Pequeno Urso, chorando, queixou-se:

- Alguém quebrou a minha cadeirinha!

Os três subiram as escadas, e foram em direção ao quarto.

Papai Urso olhou para sua cama e perguntou:

- Quem deitou na minha cama?

Mamãe Urso olhou para sua cama e disse:

- Alguém esteve deitado na minha cama e deixou-a bagunçada!

O Pequeno Urso, muito bravo, gritou:

- Alguém está deitado na minha caminha!

Cachinhos Dourados acordou com o grito de Pequeno Urso.

Ficou muito assustada ao ver os três ursos bravos olhando para ela. Seu susto foi tão grande que em um só pulo saiu da cama e já estava descendo as escadas. Mal deu tempo para que os ursos piscassem os olhos. Cachinhos Dourados pulou a janela e saiu correndo pela floresta, rápida como o pensamento. Depois desse enorme susto a menina aprendeu a lição, nunca mais fugiu de casa, muito menos entrou em casa de ninguém sem ser convidada.

ANEXO 7

Livro: E o dente ainda doía - Ana Terra



Um jacaré parado, com cara de coitado, não parava de reclamar:

-Ai, ui, ui, ai. Será que vou aguentar?

Dois coelhos ligeiros disputaram para ver quem era o primeiro que ia perguntar:

- O que foi, jacaré, está doente?

- Não, pequeninos, estou com dor de dente!

- Dor de dente? – Disse o segundo. – Eu sei como resolver: Pegue esta cenoura e comece a roer!

Mas nada resolvia. O jacaré roia a cenoura... E o dente ainda doía!

Três mais entraram na conversa, a coruja e os filhotes:

-Pegue este graveto e cutuque bem forte.

Mas nada resolvia. O jacaré roia a cenoura, cutucava com o graveto... E o dente ainda doía.

Quatro tatus chegaram sem fazer barulho:

- Morda este pedregulho!

Mas nada resolvia. O jacaré roia a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho... E o dente ainda doía.

Cinco patinhos saíram da água para ver:

- Só com um carinho seu dente vai parar de doer!

Mas nada resolvia. O jacaré roia a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho, recebia carinho... E o dente ainda doía.

Seis ratinhos também quiseram dar a sua solução:

- Cubra seu dente com este pedaço de sabão.

Mas nada resolvia. O jacaré roia a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão... E o dente ainda doía.

Sete toupeiras surgiram de um único buraco, ali, bem pertinho.

- Que nada, mastigue esta raiz-forte que ficará bom rapidinho!

Mas nada resolvia. O jacaré roia a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão, mastigava raiz-forte... E o dente ainda doía.

Oito sapos coaxaram da lagoa:

- Essa é boa! Que ideia descabida: melhor que tudo isso é uma mosca lambida.

Mas nada resolvia. O jacaré roia a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão, mastigava raiz-forte, lambia a mosca... E o dente ainda doía.

Nove esquilos de uma mesma família- mãe, pai, filho, filha, avô, avó, tio dentuço, tia dentada e uma prima mal-humorada- soltaram as vozes:

Coloque na boca este punhado de nozes!

Mas nada resolvia. O jacaré roia a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão, mastigava raiz-forte, lambia a mosca, colocava nozes na boca... E o dente ainda doía.

Dez passarinhos vieram tentar resolver o problema:

- Coloque no seu focinho esta pena!

Mas nada resolvia. O jacaré roia a cenoura, cutucava com o graveto, mordida o pedregulho, recebia carinho, cobria o dente com sabão, mastigava raiz-forte, lambia a mosca, colocava nozes na boca, botava a pena bem na frente do nariz... E o dente ainda doía.

De repente, sem dar tempo de mais alguém chegar, o jacaré bugou e começou a ofegar...

- aaaa... aaaaaaaa... atchim!

-Funcionou, a pena me deixou bonzinho!

Já posso matar a fome fazendo um lanchinho...

E a bicharada toda deu no pé.

Ninguém quis ficar para ser almoço de jacaré!

ANEXO 8

Livro: Rapunzel - Mauricio de Souza

Era uma vez um casal muito feliz, que ia ter um filho. Nos fundos de sua casa, a mulher podia avistar um magnífico jardim, cercado por um muro bem alto, que ninguém se atrevia a escalar.

Certo dia, a mulher avistou um canteiro com belos rabanetes e sentiu desejo de prová-los. O marido, que a amava muito, pensou numa maneira de pegá-los, a qualquer custo.

Ao anoitecer, o homem pulou para o quintal vizinho, arrancou um punhado de rabanetes e levou para a mulher, que preparou uma bela salada. No dia seguinte, seu desejo de comer rabanetes ficou ainda mais forte.

À noite, o marido pulou novamente o muro, mas viu, em pé, diante dele, uma bruxa. Ela era a dona do jardim e deixou o homem levar os rabanetes, com a condição de ficar com a criança quando nascesse.

O homem, apavorado, concordou com a bruxa. Pouco tempo depois, a mulher deu à luz uma menina. A bruxa apareceu e levou a criança embora, dando a ela o nome de Rapunzel.

Rapunzel crescia cada vez mais linda. Quando completou doze anos, a bruxa a trancou no alto de uma torre, sem escada, nem porta, apenas uma janelinha. Quando ela queria entrar, mandava a jovem jogar suas tranças e subia por elas.

Alguns anos depois, um príncipe passou pela floresta e ouviu o canto maravilhoso de Rapunzel. Ele não sabia como subir na torre, então decidiu ficar ali, apenas ouvindo e imaginando como seria o rosto da dona daquela encantadora voz.

Algum tempo depois, escondido atrás de uma árvore, o jovem viu a bruxa aproximar-se e pedir a Rapunzel que jogasse suas tranças.

No dia seguinte, o príncipe chegou perto da torre e fez o mesmo. A jovem ficou assustada quando o viu, mas percebeu que seu amor por ela era sincero e se apaixonou por ele.

O príncipe a pediu em casamento e ela aceitou. Mas, para sair dali, Rapunzel precisava que o jovem lhe trouxesse bastante seda para tecer uma escada bem forte.

E assim foi, até que um dia, sem querer, Rapunzel falou à velha bruxa que ela era mais pesada que o príncipe. Furiosa, a bruxa cortou as tranças de Rapunzel e levou a jovem para viver no deserto. No mesmo dia, prendeu as longas tranças na janela da torre e ficou aguardando.

Quando o jovem chamou por Rapunzel, a bruxa jogou as tranças. O príncipe se assustou com a malvada e se atirou pela janela. Ele não morreu, mas machucou os olhos e não pôde mais enxergar.

Depois de alguns anos vagando pelo mundo, o príncipe encontrou sua amada Rapunzel. A jovem se atirou em seus braços, chorando. Duas lágrimas caíram nos olhos dele e o príncipe recuperou a visão.

Muito feliz, o príncipe levou Rapunzel para o seu reino, onde foram recebidos com grande alegria e, finalmente, puderam se casar.

ANEXO 9

Livro: Os três porquinhos - Cyril Hahn



O lobo mau já está cheio de fazer papel de bobo. Nas histórias para crianças, ele sempre acaba mal. Mas agora o caso é outro, pois chegou a vez do lobo.

“Chico, Checo e Chaco, eu vou comer vocês três! Não adianta fugir, seus porquinhos, porque agora é a minha vez”.

Chico resolveu morar numa casa de papel. Que ideia essa do Chico.

O logo chegou à casa e nem precisou soprar. A casa caiu sozinha foi só ele respirar.

“Eis, eis, eis! Agora é a minha vez! E do coitado do Chico, não sobrou nem um tico.”

Checo também fez asneira, sua casa é de papelão. O lobo assopra com força, e a casa vai logo ao chão.

“Eis, eis, eis! Agora é a minha vez, e nheco lá se foi o coitado do Checo.

Já o Chaco é o mais esperto: sua casa é de concreto e fica na capital.

“Como é que eu acho esse porco, se não tenho o endereço”, matutava o lobo mau...

Soprar a cidade inteira e acabar com o a brincadeira. E foi isso que ele fez.

O lobo mau encheu o peito e soprou, soprou, soprou, soprou, soprou.

Soprou com tanta força que só ficou o prédio onde o Chaco mora no meio da Praça da Sé.

O lobo mau virou uma fera, mas a polícia também: destruir a cidade inteira por um porquinho do bem?

Cric! Crac! Cric! Crac!

O lobo mau se deu mal, se deu mal mais uma vez.

Queria jantar o Chaco, mas acabou no xadrez.

ANEXO 10

Livro: Eu sou o mais forte- Mário Ramos



Certo dia, depois de comer muito e matar a fome, um lobo resolveu dar um passeio pelo bosque.

- É a melhor coisa para fazer a digestão! – ele disse a si mesmo. – E ao mesmo tempo, vou aproveitar para ver o que os outros pensam de mim.

O lobo encontrou um belo coelhinho.

- Bom dia, Orelhudinho! Diga uma coisa: quem é o mais forte?

- O mais forte é você, Mestre Lobo, com toda a certeza. Não há dúvida nem discussão- respondeu o coelho.

Muito orgulhoso, o lobo continuou seu passeio pelo bosque.

- Hmm, que bem-estar! – disse ele, respirando o aroma dos carvalhos e cogumelos.

Então ele encontrou a Chapeuzinho Vermelho.

- Sabe que essa cor lhe vai muito bem?

Você está linda de morder... Diga uma coisa, belezinha: quem é o mais forte?

- É você! É você, com toda a certeza, Grande Lobo! Não há como duvidar, o mais forte é você! – respondeu a menina.

- É o que eu imaginava: o mais forte sou eu! Gosto que me digam e repitam. Adoro cumprimentos, não me canso de ser elogiado – o lobo se vangloriou.

Em seguida ele encontrou os três porquinhos.

- Ora, ora, vejam só! Três porquinhos longe de suas casas! Que imprudência! Digam uma coisa, rechonchudos, quem é o mais forte?

- O mais forte, o mais robusto, o mais bonito é você, com toda a certeza, Lobo Mau! – os três porquinhos responderam em coro.

- É evidente! Eu sou o mais feroz, o mais cruel! Eu mesmo, o Grande Lobo Mau! Todos morrem de medo de mim. Eu sou o rei – gabou-se o lobo.

Um pouco adiante, ele encontrou os sete anões.

- Olá, pequenos trabalhadores! Vocês sabem quem é o mais forte? – perguntou o lobo.

- O mais forte é o senhor, Sr. Lobo! – responderam os homenzinhos, numa só voz.

- Ahá! É óbvio, é evidente! Não há o que discutir! Todo o mundo sabe! Sou o terror deste bosque. Sou o mais de todos os malvados! – proclamou o lobo.

Foi então que ele encontrou uma espécie de sapinho.

- Olá, coisa horrível! Suponho que você saiba quem é o mais forte! – disse o lobo.

- Claro que sei! É a minha mãe!- respondeu o tal sapinho.

- O quê? Seu pestinha! Alcachofra miserável! Cabeça de tocinho! Está procurando briga? Decerto ouvi mal. Por favor, repita, quem é o mais forte?

- Eu já disse! Minha mãe é a mais forte, e também a mais boazinha... a não ser com quem faz alguma maldade comigo! – respondeu o dragãozinho.

- E você, quem é?

- Eu? Eu... Eu sou o lobinho bonzinho - respondeu o lobo, recuando prudentemente.

ANEXO 11

Livro: **É o Lobo?** – Clécia Aragão Buchweitz



O valente porquinho tinha certeza de que o lobo estava escondido na fazenda.

Ele se perguntava se o lobo tinha ido atrás do cordeirinho. Então, ele viu alguma coisa se mover.

(Deslize sua mão no monte de feno se tiver coragem. O lobo pode estar à espreita, então... cuidado!).

Mas era apenas o gatinho que estava perseguindo o rato.

- Desculpe-me – disse o porquinho. – Eu pensei que fosse o lobo.
- Não seja tolo! – ronronou o gatinho.
- Não há lobos por aqui.

Mesmo assim, o porquinho foi verificar o chiqueiro.

(Deslize sua mão dentro do chiqueiro se tiver coragem. O lobo pode estar à espreita, então... cuidado!).

- Foi você que fez cócegas nos meus pés? – sorriu seu pai.
- Desculpe-me – respondeu o porquinho. – Achei que fosse o lobo.
- Não seja tolo! – riu o papai. – Não há lobos por aqui.

O porquinho foi ver se as galinhas estavam em segurança.

O lugar parecia estar quieto demais.

(Deslize sua mão dentro do galinheiro se tiver coragem. O lobo pode estar à espreita, então... cuidado!).

- São as garras do lobo! – gritou o porquinho.
- Quem está puxando nossos bicos? – perguntou uma das galinhas.
- Desculpe-me – disse o porquinho. – Pensei que fosse o lobo.
- Não seja tolo! – cacarejaram as galinhas.
- Não há lobos por aqui.

De repente, o porquinho se lembrou dos patos. Naquele momento ele teve certeza de que alguém estava se escondendo dele.

(Deslize sua mão entre os juncos se tiver coragem. O lobo pode estar à espreita, então... cuidado!).

- É a língua do lobo! – ele disse.

Mas um grande sapo pulou para fora. – Quem me fez pular? – ele coaxou.

- Desculpe-me – disse o porquinho. – Achei que fosse o lobo.
- Não seja tolo! – riu o sapo.
- Não há lobos por aqui.

Então, o porquinho foi brincar com seus amigos.

Mas quem o observava de dentro da árvore?

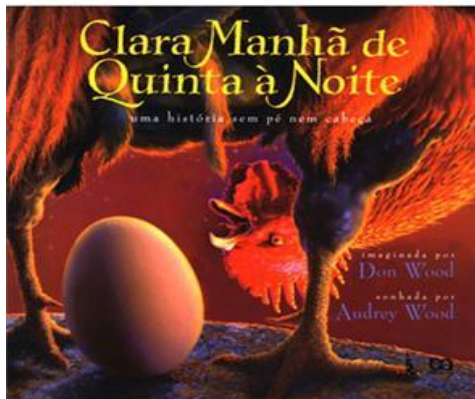
(Deslize sua mão pelo tronco se tiver coragem. O lobo pode estar à espreita, então... cuidado!).

- É o focinho do lobo! – guinchou o porquinho.

E era mesmo! Corram!

ANEXO 12

**Livro: Clara manhã de quinta à noite - uma história sem pé nem cabeça -
Don Wood, Audrey Wood.**



“Numa clara manhã de quinta-feira à noite, acordei e sonhei que tinha morrido; meu galo vermelho põe um ovo e me chama cocorocó e me tira da cama; vesti a roupa para meu enterro, uma festa bem simples com muito luxo; os convidados contentes choram o tempo inteiro até os mais pobres cheios do dinheiro; quando a banda tocou gelatina de osso, todos nós sentamos para dançar, aí apareceu uma batata Argentina sem roupa com calça de gabardina; que bom ver você novamente – falei - e a primeira vista me apaixonei, vamos comer que morro de sede – ele disse – e de uma só bocada comi o infeliz; veja o que fez comigo – gritou o crocodilo – comeu o estranho, meu melhor amigo; eu não fiz isso – sorri arrependida – e não vou fazer de novo é o que lhe digo; como tenho pressa, demoro a contar, a batata Argentina pudemos salvar, aí o crocodilo fez o nosso casamento e ficamos solteiros no mesmo momento; eu sabia, sabia, eu tinha certeza, por isso gritei muito surpresa: aí vem um bebê sem nenhum cabelo com um topete na testa como um novelo; eu sou mentirosa, mas a estória é verdade e o fim acontece antes da metade; se você acreditou nessa mentira verdadeira recomece do fim toda brincadeira”.